

ILUSTRAÇÃO

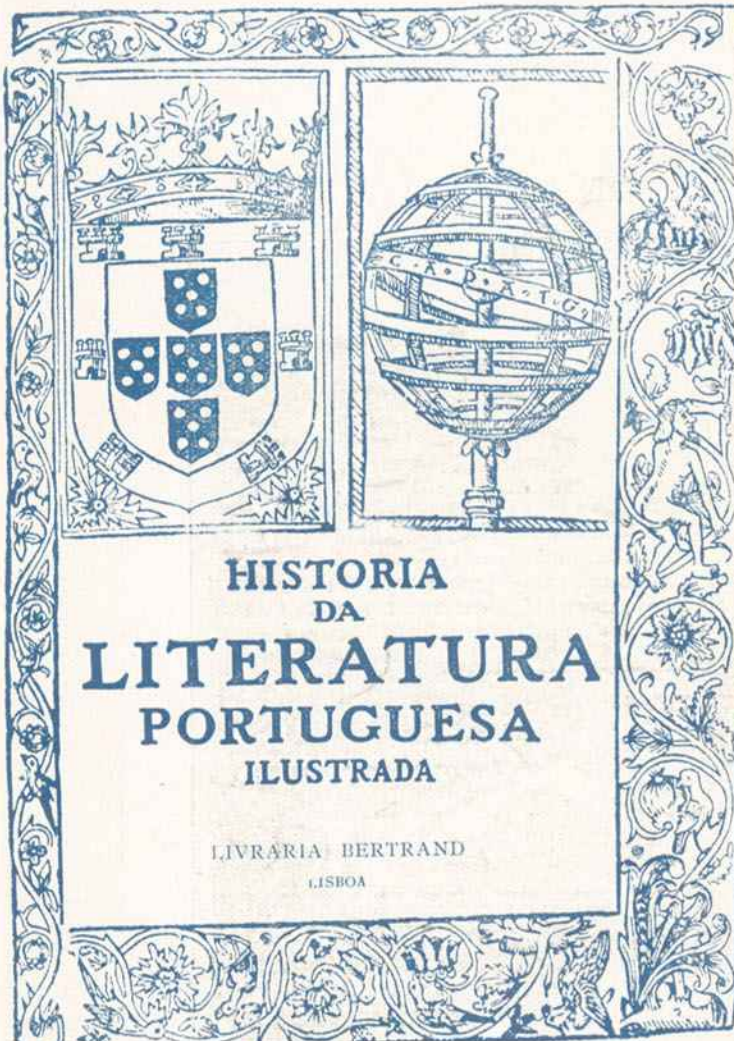


A FILHA DO ARTISTA — (QUADRO DE KAULBACH)

16 - Junho - 1932

N.º 12 — 7.º Ano

Preço - 5 esc.



HISTORIA
DA
**LITERATURA
PORTUGUESA**
ILUSTRADA

LIVRARIA BERTRAND
LISBOA

A sair brevemente o XXXVI tomo

A MAIS BELA OBRA ATÉ HOJE

EDITADA EM PORTUGAL

PREÇOS INCLUINDO EMBALAGENS REFORÇADAS

CONTINENTE E ILHAS

Assinatura especial de cada número saído mensalmente e pelo correio contra o reembolso (só para o continente e ilhas) 11\$50

	3 meses	6 meses	1 ano
Assinatura (pagamento adiantado)	30\$00	59\$00	118\$00

REGISTADO

ÁFRICA ORIENTAL, OCIDENTAL E ESPANHA	34\$50	67\$00	132\$00
ÍNDIA, MACAU E TIMOR	36\$00	79\$00	138\$00
ESTRANGHEIRO	37\$00	72\$00	142\$00

Cada tomo avulso, não incluindo porte e embalagem 10\$00

**HISTÓRIA ILUSTRADA DA LITERATURA
PORTUGUESA**

PUBLICADA SOB A DIRECÇÃO DE
ALRINO FORJAZ DE SAMPAIO
Da Academia das Ciências de Lisboa

ALGUNS DOS PRINCIPAIS COLABORADORES

- VONRO LOPES VIEIRA, escritor.
VONRO DE DORNELAS, da Academia das Ciências de Lisboa.
AGOSTINHO DE CAMPOS, da Academia das Ciências, professor.
AGOSTINHO FORTES, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
ALVARO NEVES, escritor, Conservador da Biblioteca do Congresso da República.
ANTÓNIO BAÍÃO, da Academia das Ciências, director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
AUGUSTO GIL, da Academia das Ciências, director geral das Belas Artes.
BRITO CAMACHO, escritor.
CARLOS MALHEIRO DIAS, da Academia das Ciências, escritor, director da *História da Colonização do Brasil*.
CRISTÓVÃO AIRES, secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa.
COELHO DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA, da Academia das Ciências, director do Arquivo Histórico Militar.
GUALDINO GOMES, director interino da Biblioteca Nacional de Lisboa.
HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Escola de Belas Artes.
HENRIQUE DE VILHENA, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, director do Instituto de Anatomia.
JOÃO DE BARROS, da Academia das Ciências de Lisboa, director geral da Instrução Primária, professor.
JOÃO LAVÇO DE AZEVEDO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JOAQUIM DE CARVALHO, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras, director da Biblioteca e Administrador da Imprensa da Universidade de Coimbra.
JOAQUIM LEITÃO, da Academia das Ciências de Lisboa.
JORDÃO DE FREITAS, director da Biblioteca da Ajuda-Lisboa.
JOSÉ DE FIGUEIREDO, da Academia das Ciências, director do Museu Nacional de Arte Antiga.
JOSÉ JOAQUIM NUNES, da Academia das Ciências de Lisboa, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JOSÉ LEITE DE VASCONCELOS, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, director do Museu Etnológico.
JOSÉ MARIA DE OLIVEIRA SIMÕES, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo professor da Escola de Guerra.
JOSÉ MARIA RODRIGUES, da Academia das Ciências, professor de estudos canónicos na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
JÚLIO DANTAS, Presidente da Classe de Letras da Academia das Ciências, Inspector das Bibliotecas e Arquivos Nacionais, Director da Escola de Arte de Representar.
LUÍS XAVIER DA COSTA, da Academia das Ciências de Lisboa, Presidente da Associação dos Arqueólogos.
MANUEL DE OLIVEIRA RAMOS, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
MANUEL DA SILVA GAIO, da Academia das Ciências de Lisboa, antigo Secretário Geral da Universidade de Coimbra.
MARTINHO AUGUSTO DA FONSECA, da Academia das Ciências de Lisboa.
MOSES BEN-SABAT AMEALACK, da Academia das Ciências de Lisboa, professor do Instituto Superior do Comércio de Lisboa.
P. M. LARANJO COELHO, da Academia das Ciências de Lisboa, Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Director da Secção de Diplomática da Associação dos Arqueólogos.
QUEIROZ VELOSO, da Academia das Ciências de Lisboa, Director da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
REINALDO DOS SANTOS, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.
RICARDO JORGÊ, da Academia das Ciências, professor da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, Director Geral da Saúde Pública.
S. COSTA SANTOS, escritor.

EDIÇÃO MONUMENTAL

**A HISTORIA ILUSTRADA DA
LITERATURA PORTUGUESA**

(FORMATO 32x25)

**EM TOMOS MENSAIS DE 32 PAGINAS,
ÓTIMO PAPEL COUCHÉ,
MAGNIFICAMENTE ILUSTRADOS**

E CONTRA

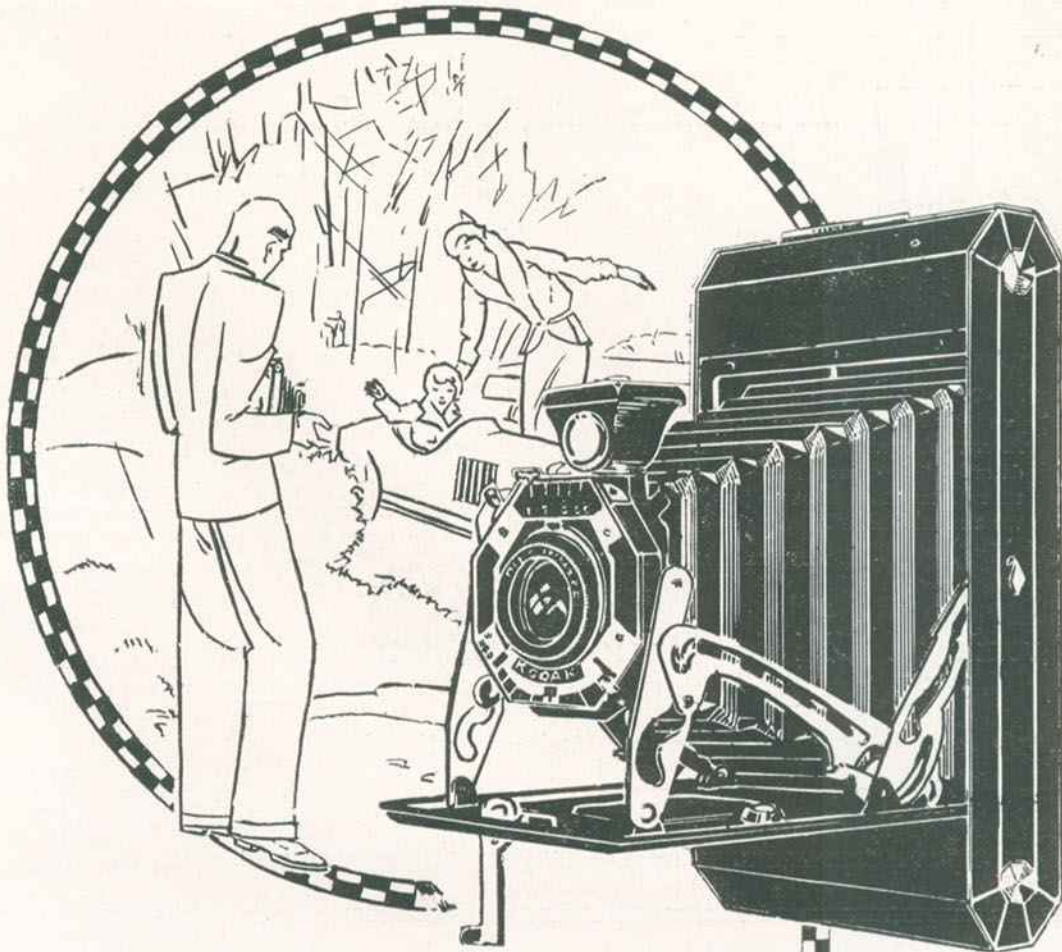
biografias completas, retratos, vistas, costumes, monumentos, rostos de edições raras, manuscritos, miniaturas e fac-símiles de autógrafos, em soberbas gravuras, algumas das quais *HORS TEXTE*, a cêres.

CONSTITUINDO

um precioso album em que pela primeira vez, entre nós, se reúne uma tão completa e curiosíssima documentação gráfica.

ARTIGOS DE ESPECIALIZADOS PROFESSORES E LITERATOS DE NOME CONSAGRADO

CADA TOMO 10\$00



Uma grande novidade Kodak

Modernismo... é a nota saliente do novo «Kodak» — absolutamente ao gosto da época na elegância rectilínea das suas linhas, na sobria originalidade das suas decorações

Mas o «Kodak» Six-20 é também moderno nos aperfeiçoamentos que o tornam um aparelho cómodo, de reduzido volume e... principalmente, duma admirável simplicidade de manejo.

Como é rápido o seu funcionamento! Como são nítidas as suas fotografias, obtidas tão facilmente, mesmo por aqueles que façam pela primeira vez uso dum «Kodak»! Vá hoje mesmo a qualquer boa casa de artigos fotográficos e peça para ver o

“Kodak” Six-20



De manhã... ou á tarde...

Com sol... ou á sombra...

Mesmo em dias de chuva...

use Pelicula Verichrome

Fabricada exclusivamente por «Kodak»

KODAK, LTD. — Rua Garrett, 33 — LISBOA

UM DELICIOSO LIVRO PARA AS CRIANÇAS



O Pretinho de Angola

Original de CÉSAR DE FRIAS

Movimentada e educativa historieta, dividida em sete capítulos, com ilustrações sugestivas de ILBERINO DOS SANTOS

Algumas opiniões da crítica a respeito deste livro:

«O apreciado autor de *Ao sópro da Vida*, *Nossa Senhora Eva*, *As grandes nupcias*, *Biblioteca das Noivas*, *Almas em flôr*, etc., espírito votado ao culto da mais sã literatura e que é um dos mais brilhantes estilistas da literatura de hoje, venceu ao escrever a novela infantil.»

(Da revista *Portugal Feminino*)

«César de Frias, poeta e romancista, crítico e erudito, soube escrever páginas adoráveis para os pequeninos...»

(Do *Diário de Notícias*)

«Obra de mestre e grande mestre, *O Pretinho de Angola*. Uma novela que as crianças hão-de apreciar muito e que honra o sr. César de Frias.»

(Das *Novidades*)

PREÇO: 5\$00

A' venda na filial do "Diário de Notícias"

Largo de Trindade Coelho, 10 e 11—LISBOA
e em todas as livrarias

BIBLIOTECA DOS PEQUENINOS

Acaba de aparecer

"O Tesouro da Casa Amarela"

Por D. FERNANDA DE CASTRO

Formoso livro de 132 páginas, em que a autora faz esplêndido teatro infantil

- | | |
|--|---------------------------------|
| 1.º — <i>O Tesouro da Casa Amarela</i> | 3.º — <i>O Az dos Caçadores</i> |
| 2.º — <i>As Borbuletas e o Bicho de Seda</i> | 4.º — <i>A Recompensa</i> |
| 5.º — <i>O Estrangeiro e o Portuguesinho</i> | |

PREÇO: 5\$00

À venda na filial do "Diário de Notícias"

LARGO TRINDADE COELHO, 10 e 11

e em todas as livrarias

Desinfecte e perfu-
me a sua casa com

À venda em todas as boas drogarías

Sapoforme

Exemplares da

Ilustração n.º 96

Compram-se na administração desta Revista
Rua Anchieta, 31-1.º

PAULINO FERREIRA

ENCADERNADOR - DOURADO

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1884

Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92 — LISBOA
Telefone 2 2074

COLECCÃO FAMILIAR

VOLUME
BROCHADO

Esc. 7\$00

P. B.

VOLUME
ENCADERNADO

Esc. 12\$00

Romances morais proprios para senhoras e meninas

Esta colecção, especialmente destinada a senhoras e a meninas, vem preencher uma lacuna há muito sentida no nosso meio literário.

Nela serão incluídas somente obras que, embora se esteiem na fantasia e despertem pelo entreccho romântico sugestivo interesse, oferecem também lições moralizadoras, exemplos de dedicação, de sacrificio, de grandeza de alma, de tudo quanto, numa palavra, deve germinar no espirito e no coração da mulher, quer lhe sorria a mocidade, ataviando-a de encantos e de seducções, quer, desabrochada em flôr após ter sido delicado botão, se tenha transformado em mãe de família, educadora de filhos e eserinio de virtudes conjugais.

VOLUMES PUBLICADOS:

M. MARYAN

Caminhos da Vida. Em Volta dum Testamento. Pequena Rainha. Dívida de Honra. Casa de Família. Entre Espinhos e Flôres. A Estátua Velada. O Grito da Consciência. Romance de uma herdeira. Pedras Vivas.

VOLUMES NO PRELO:

Casa sem Porta. A Pupila do Coronel.

PEDIDOS A S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

Acaba de sair a nova edição

A CATEDRAL

POR BLASCO IBAÑEZ

Um dos mais notaveis livros da literatura
romantica contemporânea em toda a Europa

1 volume de 338 pags., brochado . . . 10\$00
encadernado . 14\$00

PEDIDOS A

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

UM DOS MELHORES BRINDES

Biblioteca das Noivas

Organizada por César de Frias

O Amor — A Mulher — O Lar

Cada volumezinho, broc. 3\$00

Pedidos à Livraria Bertrand

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



O "Sal de Fructa" ENO, consagrado por sessenta anos de verdadeiros sucessos em todo o mundo, é o remédio mais eficaz para corrigir todas as irregularidades resultantes das perturbações do aparelho digestivo. De preparação salina efervescente, exempto de sal mineral purgativo, o ENO tem uma acção branda e suave, podendo-se tomar em todas as idades e em todas as estações do ano.

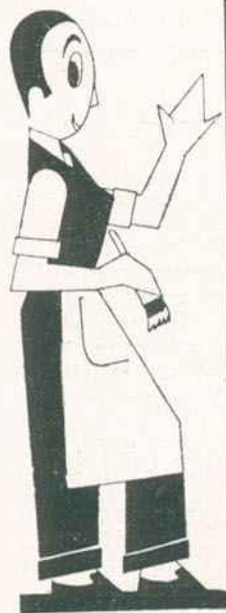
Uma colher, das de café, num copo de água pela manhã e à noite.



ROBBIALAC

ESMALTE DE SECA RAPIDA

Para Todas As Pinturas
Que A Sua Casa Precisa



Olhe V. Exa para a sua casa, por dentro ou por fóra para o rez de chão ou para o ultimo andar e sempre encontrará uma grande quantidade de coisas que precisam sentir a influencia animadora de uma camada de tinta nova. Aplique-lhe uma demão de ROBBIALAC e ficará encantado com os resultados do seu trabalho.

Este famoso Esmalte está agora preparado de maneira a secar rapidamente — tão rapidamente que não permite que a poeira se deposite na superficie, mas no espaço de tempo necessario para tornar facil a sua applicação.

ROBBIALAC é um acabamento brilhante como espelho e de grande duração pois não empola nem estala com o uso.

Compre V. Exa uma lata d'este Esmalte o qual é fornecido em branco, preto e muitas lindas côres, por qualquer boa drogaria.

SOCIEDADE ROBBIALAC
LIMITADA,

Rua Nova do Carvalho,
15, 1.º LISBOA

Fóra com as dôres!


CAFIASPIRINA

livra de dôres
e restabelece
o bem estar.



Os incomodos já não me metem medo desde que conheço a CAFIASPIRINA!

Não prejudica o coração nem os rins!



Novidade Sensacional
Com o PENTE ONDULADOR transforme os seus cabelos lisos em naturalmente ondulados para toda a vida!

Duma maneira geral procede-se da seguinte forma: Lavam-se os cabelos e secam-se pouco; depois de desembaracados com um pente apropriado (desempenteador), penteam-se com a cabeça alçada (desempenteando) o PENTE ONDULADOR, de forma que as pontas do pente sejam dirigidas para o exterior. Fizerem-se então movimentos de vai e vem, e assim se obtêm uma linda ondulação para sempre.

PEIGNE ONDULATEUR
...VIENNA...

Exclusivo de venda:
D. E. B. E. L. E. Z. A
M. de CAMPOS
Av. da Liberdade,
35 — Lisboa

Preço Esc. 15\$00

5.000 Grafonolas GRATIS



a distribuir pelos leitores que encontrarem a solução e se conformarem com as nossas condições. Dispôr os algarismos de 1 até 9 nas casas à mar-

	5	

gem, com o 5 ao centro, de modo a somar 15 em todos os sentidos. Enviar a resposta, franqueada com um selo de 1\$25, a **Phonos Angelus, Service M., 22, Rue des 4-Frères-Peignot, Paris-15^e (France)**. Juntar um sobrescrito com a direcção para a resposta.

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDA-
DE DA LI-
VRARIA
BERTRAND,
LTD.ª, RUA
GARRETT, 73
E 75 - LISBOA

N.º 12 - 7.º ANO

16 - JUNHO - 1932



MURILLO - O divino pastor

(Museu do Prado, Madrid)

Crónica da Quinzena

A Alemanha guinou para a direita obedecendo aos ventos, ali dominantes, de fúria impossível de conter. Não surpreendeu ninguém a entrega do poder ao extremista que acaba de recebê-lo das mãos do Presidente, em circunstâncias com certo tempêro dramático. Esperava-se que assim sucedesse por impossibilidade de contrariar uma corrente do volume e ímpeto da que mostraram as últimas provas eleitorais.

Quando num país letrado, consciente, responsável, se manifesta uma vontade com aquela nitidez e segurança tem de cumprir-se sem demora o que ela exprime. Assim o marechal Hindenburgo o entendeu.

E agora há a registar como facto consumado o desaparecimento de mais uma democracia, daquelas a que já podemos ir chamando o antigo regime liberalista, parlamentarista, vigente no século XIX.

Não se dirá que resistiu muito em clima germânico, o primeiro ensaio executado. Dez anos bastaram para saciar a gente prussiana, saxónia e bávara, de governos timoratos, submissos ao poder terrível do voto de confiança. Volta aos velhos amores por um executivo com força para executar, semelhante ao que se viu no tempo dos Guilhermes e Fredericos que alternaram no comando. O Reichstag a eleger em breve prazo, saberá acondicionar-se à nova pragmática escolhida por Hitler e seqüazes que beberam inspiração na fonte romana.

Quando abrirá falência, ou se dissolverá a efêmera constituição de Weimar donde saiu o concôrto de vozes que os alemães nunca estimaram?

Ninguém prevê, nem mesmo os autores, as dificuldades de execução da nova partitura em preparo. Sabe-se apenas que contém andamentos de grande responsabilidade, inaccessíveis a muitos dos naipes chamados a tocá-la. Também surgem dúvidas sobre a escolha da batuta.

Quem vai reger os compassos terríveis do andante, pronto a começar, onde os ritmos complexos se cruzam em todos os instrumentos?

Seja o marechal, o kronprinz, ou qualquer outro, ainda não apontado, pouco importa à essência do fenómeno. Com título de república, ou de monarquia o acontecimento em relação à Alemanha e ao mundo oferece a mesma aparência e mesmo conteúdo social.

Neste momento não há regimes políticos em presença; há sistemas económicos. Particularismo e comunismo, são os dois potenciais contrários, que se prepararam para decidir em guerra cruenta, qual dêles ficará, sozinho, acondicionando a sorte da humanidade. A região germânica escolheu o primeiro, e mostra-se disposta a aniquilar o segundo. Que use a técnica italiana ou a russa, na depuração do ambiente, não importa ao objectivo, como não importam os incidentes que na arremetida dura, impiedosa, vai levantar.

Erraríamos se considerássemos como caso restrito, apenas afectando o povo alemão, o que acaba de acontecer. Temos de considerá-lo universal, um simples episódio da grave pendência aberta por Lenine e seus continuadores.

* *

Dentro do panorama acabado de esboçar o Chile apresenta o seu modo de ver, ou de querer. Pelo menos no primeiro ímpeto escolheu a bandeira comunista. Assim o deram a conhecer as notícias, sobre as quais se tenta agora espargir tintas de várias cores para disfarçar o verdadeiro sentido do movimento iniciado. Houve talvez quem, esfriando no entusiasmo, reconhecesse a dificuldade em estabelecer a divergência naquela estreita faixa de terra americana. A lombriga estendida ao longo dos Andes sente que não pode sozinho agüentar com a responsabilidade de acto tão considerável. E bem pode acontecer que dentro em pouco, ao reconhecer a inconsistência da liberdade dos pequenos povos, desista da audaciosa pretensão de experimentar o sabor da ditadura proletariana. Terá de esperar que os mais fortes decidam, de modo definitivo, no campo de batalha, qual dos dois conceitos inimigos fica sendo lei nas sociedades humanas do globo. Falta saber, mediante metralha, sangue, angústias, se a liberdade individual, origem de uma luta milenária, se repudia definitivamente como erro nefasto, e a submissão inteira, o desaparecimento na colectividade, situação parelha da escravatura, se instala como preceito de verdade irredutível. Antes disso, o Chile, como Portugal, a Espanha e outras opiniões parcelares ousam demais, tomando iniciativas daquela amplitude.

A Rússia que cobre a sexta parte do globo pode dar-se ao luxo de ter uma ideia diferente da adoptada nas cinco restantes.

Também à América U. S. A. seria permitido um capricho daquela ordem. Agora, os miudos?

Esses esperem que os grandes, os senhores, digam qual é a justiça, a sabedoria, o direito e o sentido da vida.

Foram pretensiosos os chilenos metendo-se a resolver sozinho em caso de tanta monta? Vão saber quanto custa bulir em coisas sérias, sem licença dos patrões do mundo.

* *

A criança aparece morta em terreno próximo da casa onde dormia quando a raptaram. Desfigurada pela decomposição, custou a reconhecer. Seria de facto estabelecida a sua identidade incontestável?

A tragédia prossegue. O cadáver, o roubo, o pai arruinado com a busca do filho, contam-se por breves episódios na grande acção em que se condensa e define a vida de um povo.

Diz-se que Lindberg procurara o sítio ermo para fugir ao suplicio da publicidade que na urbe populosa onde o haviam sagrado herói, não lhe permitia a doçura de transitar anônimo, sem ser espionado, apontado, descrito, minuciado até ao pormenor ridículo. Perseguido pela celebridade que lhe tornava transparentes as paredes da moradia e o submetia a carência absoluta de intimidade, partira espavorido para gosar a delícia de ser apenas um homem como outros, dedicado à família.

Nem mesmo aí o fabricante de imprevisto, o produtor de pasto para a curiosidade pública veio a permitir-lhe um momento de repouso. Ele furtava-se? Ao jornalista breve se deparou o filho para preparar o «pabulum asini» tôdas as manhãs vendido ao americano guloso.

E então é que foi saciar. Chegaram a escrever-se 30.000 palavras em uma única fôlha, para conseguir aumentos de 200 e 300 mil exemplares com que se fartava a grande bestia «standard», ávida de conhecer os pormenores de um horrível drama.

A imaginação fútil, bárbara, estúpida, quebrados os bridões correu à solta, sem respeito nem piedade pelos nervos sensíveis de um pai e uma mãe sujeitos a tormentos, sem sombra de consideração pelo prestígio de um país que via arrastada a sua cultura até ao nível mais humilhante. Dentro em pouco a criança não fôra raptada, o filho não era filho, o pai não chorava, a mãe não gemia.

Intervem milionários, sacerdotes, bandidos, assassinos, contrabandistas, sábios, cineastas. E meia volta andada confundem-se bandidos com milionários, sacerdotes com assassinos, sem possibilidade de distinguir as almas dos corpos, a ponto de não se perceber se dentro da pele de um sábio não andaria um contrabandista. E no fim a barafunda tornou-se tal que se fica em dúvida se na verdade existiu a criança, ou se o próprio Lindberg não será um mito, e os detectives, os gangsters, os bootlegers simples comparsas de Hollywood.

Feita uma pausa para tomar fôlego e depois meditar, surge a suspeita de que a maravilhosa composição americana, proposta como detentora do novo modelo de estrutura social, acabe também por mostrar-se um excesso de propaganda jornalística, puro delírio imaginativo para enganar o europeu basbaque.

Depois do que contaram, sobre ladrões milionários, sobre bandidos a quererem falar ao presidente, mais a mistura de senadores, pantomineiros, sábios, no mesmo coquetilhe, o prático parece deixarmo-nos em que tudo aquilo pertence aos domínios da fábula.

E, por falar em fábula, talvez a maior de tôdas venha a ser a civilização e cultura americana com que nos outraram os ouvidos durante anos e anos de pouco feliz memória.

Samuel Maia.

I

TENS vinte anos, Ninon, e vais casar-te. Por muito que os homens e as mulheres tenham desfeitado o casamento, por muito que o tenham diminuído na sua beleza moral ou na sua expressão religiosa, casar, para ti, é começar a viver. Uma existência nova, inteiramente desconhecida, vai abrir-se para o teu sentimento, e tu deixarás de ser o que és — uma laranjeira florida, uma sinfonia em branco-maior — para ser alguma coisa de diferente e de grave, que a tua inocência mal suspeita ainda: uma mulher. Tua mãe — rapariga do meu tempo — já deve ter conversado muito contigo; mas eu não me dispensio, minha filha (o que são as afilhadas, senão filhas espirituais?), de te dizer certas coisas que ela talvez não te dissesse ainda, não porque as não saiba — as mulheres sabem tudo — mas porque, não conhecendo os homens tão bem como eu, talvez não dê a essas pequenas coisas a importância que eu lhes dou. Algumas delas já decerto as adivinhou o teu instinto; *«les femmes — disse Remy de Gourmont, um escritor que tu nunca lêste — savent des choses qui n'ont jamais été écrites ni enseignées»*; mas há outras que a mulher, que tu ainda não és, pressente apenas duma forma vaga, e que é preciso que se definam, que se fixem como conceitos no teu espírito, não depois do teu casamento, mas desde já e quanto antes, porque pode depender delas a tua felicidade. Muitas pessoas, que se supõem bem informadas na psicologia do amor e do casamento, dirão, com um sorriso de desdém, se tu lhes mostrares esta carta: «coisas que já tôda a gente sabe!» Sim, minha filha; talvez muita gente as saiba; mas pouca gente as compreende bem; e, sobretudo, pouquíssima gente as pratica. É preciso repeti-las muitas vezes; procurar maneiras diferentes de dizer essas coisas ao mesmo tempo delicadas e graves; na certeza de que melhor se fará ouvir quem mais habituado estiver a falar ao coração e à sensibilidade feminina. Lembra-te da frase de Diderot, que eu te mostrei um dia, na intimidade da minha pequena biblioteca? Também eu desejava, neste momento em que me dirijo à tua inquieta candura, poder, como o velho mestre do século XVIII, «escrever com a tinta de uma rosa ou com o pó doirado das áas de uma borboleta»...

II

Para uma mulher, quem quer que ela seja, é sempre fácil despertar o interesse



CONSELHOS A NINON

de um homem; mas é muito difícil mantê-lo. O homem é essencialmente imperistente; as suas atenções passam, com facilidade, de um objecto para outro; pode dizer-se que a volubilidade faz parte da sua própria natureza; e Deus, que na sua infinita sabedoria o fez assim, lá teria as suas razões. O drama ou, se tu queres, a comédia de todos os lares, resume-se nisto: de um lado, a tendência natural do homem para se evadir ou se dispersar; do outro, a luta da mulher para o fixar, para o prender, para o reduzir, cada vez mais, à esfera da sua influência sentimental. O futuro do lar, visto que a tendência para a dispersão é própria de todos os homens, depende, por conseguinte, do poder de atracção, de captação, de sugestão amorosa, de absorvente simpatia da mulher, que é, afinal, a frágil cariátide sobre cujos ombros delicados todos os lares repousam. Ela sabe atraír, sabe prender, sabe exercer docemente a sua acção de domínio e de absorpção? A pequena aranha de oiro tem habilidade para tecer a sua teia? O homem fixa-se, e o lar está salvo. Pelo

contrário, ela não tem encantos, não os cultiva, não sabe servir-se deles, é inhábil, é desastrada? O homem foge, e o lar perde-se. Ora bem, minha filha. Se tu queres ser feliz, precisas de começar, desde a tua primeira hora de casada — ou, talvez, antes disso! — a tecer a tua teia, a realizar a tua doce e paciente obra de atracção e de sedução. De que maneira? O teu instinto de mulher, mais sábio ainda do que a tua inteligência, dir-te-á alguma coisa a êsse respeito; eu vou dizer-te o resto. Tu prenderás teu marido ao lar: em primeiro lugar, pelo poder dos teus encantos pessoais, que constituem o teu melhor tesouro, e que tu tens, cada dia, de cultivar e de aperfeiçoar; em segundo lugar, pela atmosfera moral que souberes criar à tua volta; em terceiro lugar, pelo ambiente de paz, de beleza e de conforto em que conseguires envolver a existência dêle e a tua, porque a felicidade, minha filha, não nos cai do céu: temos de a construir, pacientemente, pelas nossas próprias mãos.

III

Vejamos o primeiro ponto: os teus encantos de mulher. Não é preciso corar, Ninon, porque eu bem sei que tu não ignoras que os tens. A tua linha é moderna, nervosa, coleante, futurista; os teus olhos seriam uma maravilha, se não tivesses pintado as pálpebras de azul e reduzido as sobrancelhas a um fino traço negro; a tua beleza pode discutir-se, mas é a beleza que neste momento se usa; o próprio ritmo irregular dos teus movimentos, o próprio desenho anguloso das tuas atitudes, que têm alguma coisa da música de Ravel e da pintura de Degas, são piores do que se fôssem belos, porque são perturbadores. És bonita; mas, quando esperares o teu marido, não te esqueças de empregar todos os teus esforços para parecer mais bonita ainda. Aparece-lhe sempre como aparecerias a um homem desconhecido a quem quisesses agradar e que visses pela primeira vez. Cultiva, a cada momento, as tuas graças, porque estás cultivando, num canteiro de rosas, a tua própria felicidade. Todos os dias, sem que tu dês por isso, a tua imagem entrará em luta, no espírito de teu marido, com as imagens de outras mulheres que êle encontrou no seu caminho e que lhe pareceram belas também: é preciso que, dessa luta, tu saias sempre vitoriosa. Tens de conquistar diariamente teu marido, que, sem que êle mesmo o perceba, é cada vez mais exigente, porque cada vez está mais habituado a olhar para ti. E pensa nisto, acima de tudo: não é apenas a tua beleza que tu precisas de cul-

tivar; é o prestígio dessa beleza. Nunca te reveles demasiadamente, porque quebras o teu encanto. Todos nós temos as nossas imperfeições, as nossas pequenas misérias (tu não serás uma excepção, Ninon), e o dever de toda a mulher é ocultá-las o mais possível do homem que a ama, que a idealizou, e em cujo espírito ela vive como uma imagem de perfeição. Defende a tua auréola, minha filha. Evita as familiaridades excessivas e grosseiras que conduzem inevitavelmente à desilusão e ao fastio, e habitua teu marido a ser sempre, mesmo nos momentos mais íntimos, discreto e delicado. O melhor conselho que eu neste momento posso dar-te, minha querida Ninon, é este, de que os teus vinte anos talvez se riam, mas que os teus trinta anos me agradecerão: não durmas nos mesmos aposentos de teu marido, e nunca o deixes entrar no teu quarto sem primeiro te bater à porta. Os noivos que começam por viver em quartos separados, são, afinal, aqueles que vivem mais tempo juntos...

IV

Mas — perguntarás tu — uma mulher só pode ser feliz quando é bela? Não, decerto, minha filha. Dir-te-ei, mesmo, que não são as mulheres muito belas as mais amadas. As belezas clássicas, em geral frias e inexpressivas — ainda há pouco o dizia a bela lady Stading — despertam mais a admiração do que a paixão. Do que a mulher precisa, para ser feliz, é de possuir o dom da atracção, o encanto da simpatia, esse poder de irradiação espiritual que constitue a maior das formosuras, porque é a manifestação da formosura da alma. Se é bonita, melhor. Mas, para mim, ser bonita quer dizer «ser atraente, agradar»; e esse agrado provém, não tanto da harmonia das linhas, como do encanto da expressão; não tanto dos dotes físicos, como das graças espirituais. Uma dessas graças espirituais é o sorriso. Para a mulher, a arte de ser feliz no casamento é, sobretudo, a arte de saber sorrir. É preciso, minha querida Ninon, que sempre que teu marido entre em casa, encontre o teu sorriso gracioso, que é a maior de todas as tuas belezas. Se as mulheres soubessem quanto os homens se aborrecem de as ver carrancudas e tristes, reprensivas e mal humoradas, — êles, que, no regresso do trabalho quotidiano, tanto precisam de alegria e de paz! O que mais contribue para fixar o homem ao lar é a atmosfera moral de que a mulher souber rodeá-lo. Um lar tranqüilo, acolhedor, repousante, docemente luminoso, alegre sem ruído, calmo sem monotonia, um lar

onde a vida decorra num ritmo suave, onde o sorriso plácido duma mulher inspire serenidade, confiança e respeito, um lar, enfim, em que o homem sinta junto de si, não apenas o frágil encanto, mas o forte apoio moral duma companheira inteligente, — podem os demolidores europeus e yankees do matrimónio, o senador Ridgby ou o juiz Burnell, o inglês Low ou a dinamarquesa Kerin Michaëlis insistir nas extravagâncias do «casamento de experiência» e do «casamento a prazo», que será sempre, minha querida Ninon, um lar indestrutível. Impõe, suavemente, uma forte disciplina na tua vida doméstica, condição necessária de um superior ambiente moral. Nunca te zangues, e, sobretudo, nunca discutas com teu marido; leva-o a fazer tudo quanto tu quizeres, convencendo-o sempre de que êle só faz o que quer; sê tu a única a mandar, minha filha, mas sempre com o ar tímido e risonho de quem obedece. Procura, não apenas interessar-te, mas tornar bem evidente o teu interesse pelas ocupações e pelas pre-



dilecções de teu marido, acompanhando os seus trabalhos, informando-te discretamente da marcha dos seus negócios, tornando-te, pouco a pouco, a confidente, a animadora, a inspiradora dos actos da sua vida exterior. É preciso que tu cries no teu espírito a convicção de que ninguém o compreende melhor do que tu, de que ninguém o admira mais do que tu. É indispensável que êle sinta bem que em nenhuma outra mão mais carinhosas repousará o seu espírito fatigado ou o seu coração desiludido. O amor passa; o afecto permanece. Apaga-se a labareda violenta; fica a brasa suave, tranqüila e fiel. Se tu souberes ser a sua maior amiga, tolerante e maternal, êle pode algumas vezes, enquanto fôr feliz, distrair-se e abandonar-te um pouco; mas, logo que se sinta desgraçado — são assim os homens! — virá, como uma criança medrosa, acolher-se ao teu regaço e chorar ao pé de ti.

V

O hábito é um inimigo do amor; e, entretanto — embora isso te pareça contraditório — é um amigo do casamento. Ao

fim de um certo tempo, teu marido há-de habituar-se tanto aos teus encantos, que não dará por êles. É difficil deixarmos-nos impressionar pela beleza duma paisagem que vemos todos os dias; o próprio tic-tac do meu grande relógio holandês — igual a um que nós encontramos num quadro de Vermeer de Delft — esse tic-tac, que era para mim, a princípio, uma companhia agradável, agora, já quasi o não ouço. E entretanto, se passo alguns dias sem vêr essa paisagem, lembro-me dela; e se o relógio pára, o ligeiro ruído metálico da sua pêndula faz-me falta. Se é certo, porém, que o hábito acaba por acalmar todos os entusiasmos sentimentais, não é menos certo que êle se torna uma arma excelente nas mãos das mulheres que amam. A tua aspiração, como a de todas as noivas, é conservar teu marido o mais tempo possível ao pé de ti? Pois bem, Ninon: cria na sua existência hábitos novos que, passando a constituir para êle uma necessidade, o fixem ao lar. Rodeia-o de conforto; exalta nele o sentimento íntimo da

comodidade e do bem-estar; cerca-o dessas pequenas coisas supérfluas que se convertem em grandes coisas indispensáveis; torna-o escravo de hábitos que tu inventes e que só a tua providência satisfaga; cria, enfim, em teu marido, uma segunda natureza que tu conheças bem, que seja obra tua, que precise do teu ambiente, e que tu manejes a teu belo

prazer. Certo *fauteuil* onde êle passe ligeiramente pelo sono depois do jantar; a luz velada de certo candeeiro, que convide à leitura; as flores predilectas; o livro preferido; o canto carinhoso do fogão, com o seu lume atraente e as suas faianças brancas e azues, como no quadro célebre de Walter Gay; o pijama aquecido; o *cocktail* que só tu saibas preparar bem; mais tarde, a prosa do barrete de dormir, — são outros tantos hábitos criados, são outras tantas cadeias de bronze que prendem teu marido ao pé de ti. «Mas — dirão os teus vinte anos orgulhosos — eu não quero prendê-lo com coisas mínimas; quero prendê-lo com a força dos meus encantos e da minha sedução!» Simplesmente, Ninon, os encantos passam, — e o barrete de dormir fica. O casamento não é apenas a lua de mel. Enquanto os teus cabelos são loiros e o teu sorriso é fino — enquanto é tempo — tu precisas de plantar a árvore que te dará, mais tarde, a flor e a sombra da felicidade. Constrói bem o teu lar e atapeta-o de rosas, minha filha. Olha que os maridos são como os gatos: gostam da dona, — mas ainda gostam mais da casa...

Júlio Dantas.

A manhã estava delectável, para ser bebida a plenos pulmões e olhos arregalados, mas elle não a sentia; a estrada tinha lombas ásperas, rectas de estoirar um cavallo, e tampouco dava conta delas. Debruçado sobre si mesmo, apenas ao tocar as primeiras casas de Coimbra se libertou de seus absorventes cismares.

A imagem do que elle próprio era, homem que subira à opulência, conservando os modos lhanos e honestos de trabalhador de serra e machada, a moradia do senhor Lousal compunha-se dum palacete, construído por architecto de fama, e da antiga casinha, herança de avós. Dum só piso, com alpendurada aberta, dois vasos nos parapeitos, duas esteiras no chão, mostrava esta, em face do prédio soberbo, um ar mixto de bom agasalho e de humildade. Lá vivia a mãe, tão idosa que esquecera a conta dos annos, e se aboletava elle quando elle consentia aspirar os ventos natais a folga dos negócios. A vivenda nova era para o filho, moço de volante e de *yachting*, para os sobrinhos, com seus convidãos; elle aprazia-se no ambiente da edificação regional em que varanda e cozinha eram os repartimentos por excelência: uma, sala de estar e receber; a outra, verdadeiro larário com a ampla chaminé de colunas, o guarda-louça de vão ao alto para o Cristo familiar, arquibancos e cadeiras de ressaibo medieval à roda, tudo em pinho da terra, e, a vestir as paredes, almofias rústicas e pratos azues listriados. Almas que por ali passavam e se erguem da penumbra e do silêncio a falar com os vivos, a partir da hora em que vivos começam a ver lobreguejar à flor dos cemitérios a bôca negra da campa, sagravam as pedras gastas, as madeiras carcomidas, de afabilidade e doçura. Ali o velho granjeador sentia as raízes do ser, enterradas no húmus ancestral, beberem força e estóica quietude para o resto dos seus adiantados dias.

Deitava esta andaina de edificios para deserto e vasto pátio e aí o Algôdres surprender o senhor Lousal quando dava instruções ao Esperança, que ao mester de barbeiro e algebrista aliava as funções de mordomo da casa. Cheio de fé, arroubado no seu sonho, ainda que em voz tartamuda, referiu ao que vinha. Ouviu-o sem pestanejar, bôca entreaberta, o comerciante. Ao fim, dando dois passos para a banda como se desandasse e voltando logo ao ponto de partida, proferiu num tom em que a benignidade natural mal abafava a cólera:

— Pedes-me dinheiro para desenterrar um tesouro... Homem, mais valia pedires para as almas. Quem se fia em sonhos?!

Estava julgada a deprecada, mas para que o não tomasse por tolo redarguiu:

— Sonhos são o que Deus quer. Mas, aldrabice ou não da nossa cabeça, a página deste livro não a sonhei eu... — e, puxando o cartapácio da bolsa, escancarou-lhe diante dos olhos a passagem maravilhosa.

Lousal Pai cavalgou a luneta e, deixando-lhe a elle o livro nas palmas das mãos como em estante, pôs-se a ler. A medida que delectava, sentia-se-lhe a atenção presa como fateixa que pegou lastro. Ao terminar, abandonando a luneta ao cordão, laçado em torno do pescoço, e limpando a vista com os nós dos dedos, proferiu:

— Sim senhor... sim senhor! Resta agora

UM NOVO LIVRO DE AQUILINO RIBEIRO

A BATALHA SEM FIM

saber se o alfarrábio não é nenhum almoceve das pêtas. Como se chama?

— Rompeu-se-lhe o frontispício. Pelo título que corre ao alto das laudas, veja, e ainda pelos dizeres do fecho, quando o autor dá graças a Nossa Senhora, averigüei que tem este nome: *Sylva de prodígios & acções memoráveis que afflucderam nos Reynos de Portugal*. O professor Romão teve-o lá e disse que em todo batia certo com os livros de história.

— Nessa poda, meu compadre Romão é mestre. Mas que bata certo, quem me garante que atinaste com a duna...?

— Já lhe disse, senhor Lousal, sonhei.

— Cantigas, ó Rosa! Sonhos são sonhos.

— Já que cuidar não é saber, fui pedir conselho a esse respeito. Tenho aqui no bolso a resposta que me deu um homem que vê mais longe que uma junta de doutores e mais não



AQUILINO RIBEIRO

é formado. Conhece o Manuel Rito que mora à saída de Leiria, na estrada para a Batalha?

— O Rito dos espiritismos? Não conhecerei eu outra coisa. E então?

— O Rito, que em tempo de banhos ia muito por nossa casa, por sinal gordo como um texugo quando agora o encontrei amarelo e escanelado que nem ético, dizem que à força de estudar os livros prohibidos, ouviu-me e, a pedido meu, rebiscou as linhas que vai ver...

Sacou a carteira de coiro de três voltas e da carteira o escrito que Lousal Pai leu com a repugnância de quem toea em coisas do outro mundo: «Os antigos acreditavam nos sonhos; são sobejo testemunho as Sagradas Escrituras e diferentes livros da Igreja. No século último, os sábios decretaram: sonhos são fantasias dos nossos sentidos à solta. A ciência de hoje é mais reservada. Nem todos os sonhos se podem considerar productos arbitrários do entendimento. Em determinadas pessoas representam fenómenos ainda por estudar, em correspondência com feitos ou

coisas reais, succedidos ou a succeder no dominio da natureza».

— Falou-me em *mediuns*, magnetismo, segunda vista, o diabo a quatro que eu não percebo — acrescentou o Algôdres. — O que lhe posso afiançar é que vim do Rito, convencido de que o meu juízo não andava desgovernado.

— Para mim tudo isso de almas do outro mundo, espíritos vagantes, mesas pé de galo são endrôminas que não profundei, nem quero profundar. O Rito tem queimado as pestanas, nestas catérias é barra, concordo. Por mim, ouço o que dizem leigos e professos e não arredo deste finca-pé: pode ser que sim, pode ser que não. Quanto ao que te tráz, olha: terá razão o calhamaço, terá razão o Rito, terás tu todas as razões e mais uma, eu é que não sou a pessoa que procuras. Estou velho e acabado para cavalarias altas. Dois vinténs que arrumei ao lado para mim não de sobrar.

— E o menino Quim enjeita-o? — observou o Algôdres e mar de graça.

— O meu filho já tem a legítima da mãe e que cuspa às unhas como eu fiz. Depois, sempre te digo, dessas fortunas que caem do céu aos trambulhões tenho medo que me dano. Nem tu imaginas! Lembra-me sempre que o dono me saíria de ladrão ao caminho, na pele dum neto ou tetraneto, paar me roubar e eslaquear.

— O tesoiro era dos frades...

— Fôsse elle do diabo. Nesta altura da vida não se me dá nada enriquecer. E de forma nenhuma, nota tu, quanto mais dessa!

— Rico, tão rico que nem abarca o que tem de seu, está o senhor...

— Remediado, remediado — pronunciou o velho, abeirando-se mais dêle e arrastando a voz. — E, sabes tu, custou-me muito. A fatia de pão, que vou comendo pela velhice fora, amarguei-a bem amargada. Meu pai, que Deus guarde, deixou-nos a casinha térrea que ali vês e as palhas para dormir. Fui para Lisboa com uma bôla-milha às costas, vendurada do cabo da machada. Anos a fio trabuquei rijo e feio. Quando pude, graças aos bons padrinhos, montar estância por conta própria, morava na Rua do Pasteleiro e ia à pata para Xabregas, onde era o negócio, para forrar o bilhete no *Chora*. Conheces a capital?

O Algôdres, a contar já com a refervida anedota, acenou que sim e tornou elle em voz amical mas desdenhosa:

— Faço idea, conheces o cavallo de D. José e o túnel do Rossio. Pois olha que era de respeito a estufa que eu agüentava todas as manhãs, com a barriga a dar horas, quer soalhasse quer chovesse. E vais ouvir: no caminho topava duas mulheres que vendiam café no ôlho da rua, feito ao fogareiro contra o vão duma porta. A primeira tinha a chafarica chegante a Santa Apolónia, mas vendia a chieara a trinta réis. A segunda poisava lá para caseos de rôlha e vendia-a a vintém. Pois, meu menino, para poupar os dez réisinhos, embora contrariasse o corpo, a esta é que ia tomar o cafésório. Aí tens. Só assim, a poder de trabalho e de economia, um pobre levanta cabeça.

Aquilino Ribeiro.

(Trecho do novo livro
que já está à venda)

VENHA ABAIXO...

...saber como vivem as varinas

SÁDIA, airoso, bem bamboleada, guardando não sei quê da alegria e da ondulação do mar — não há quem desconheça em Lisboa o tipo da varina, a sua nota de colorida frescura e o seu pregão alto, estridente. As donas de casa sabem-lhes da lábia toda. Os artistas decoraram-lhes as atitudes. O lisboeta em geral não lhes ignora o trôco, a demasia do calão arregaçado como os seus ares...

Mas, à parte isto e que as nossas peixeiras não são da capital, porém lá de cima, do norte — Óvar, Aveiro, Espinho, etc. — ninguém sabe na cidade como elas vivem, se avêm entre si, são na intimidade, nos bastidores do seu comércio corrido e esganiçado pelas ruas, dando os habituais espectáculos à porta das freguesas, em que regateiam, se lamuriam, apostam por quanto há, juram falso pelo que têm de mais sagrado, a alma, os filhos, a luz dos olhos!

Assim, precisamente porque vêm de longe, e Lisboa não passa para elas do filão a explorar, o Brasil para que emigram de suas terras, formando colônias em certos bairros da cidade, de que o principal — a capital da colônia varina, é já de tradição o bairro da Esperança, a velha Madragôa. Daí voltam às terras com o pé de meia, ou pela Esperança se

ficam, casadas, constituindo família, deixando geração. Na Madragôa há todo o comércio de que necessitam; o convento foi repartido em casas de habitação; no sítio dispõem do seu lavadouro municipal.

Éscuso de dizer que a varina é, peçoal, normalmente, asseada — um brinquinho. Direi, mais: que a varina é hierárquica. Por isso manda vir a baixo quem não considera mais do que ela. E assim são, constituídas em colônia...

O trabalho — em geral a venda do peixe, amanhece cedo para todas. Mas há entre elas o capitalismo, o patronato e a servidão. Nem todas vendem, trabalham com a canastra, por conta própria mas de outras, auferindo lucros ajustados. Chamam-se, mesmo: as criadas.

Há patroas que possuem, trazem muitas criadas por conta — varinas párias, sem dinheiro, sem cotação na Madragôa, nem crédito para adquirir no Mercado o peixe que mercam, ou ainda qualquer trabalho que angariem. Isto, porque a simples canastra que julgamos posse de cada uma, nem sempre o é. Tão precioso, indispensável utensílio de ganha-pão, torna-se assim susceptível de venda em boa conta, de trespasse, e até de legado.

E as que trazem canastra, ou depois a adquirem, sem mais de seu, se não querem servir outras metem-se a juntar o

seu pecúlio na descarga das fragatas. E não só de peixe, mas ainda de saibro, de pedra e de carvão, molhando-se até às côxas ou a travessando pranchas altas, flexíveis, com um palmo de largura.

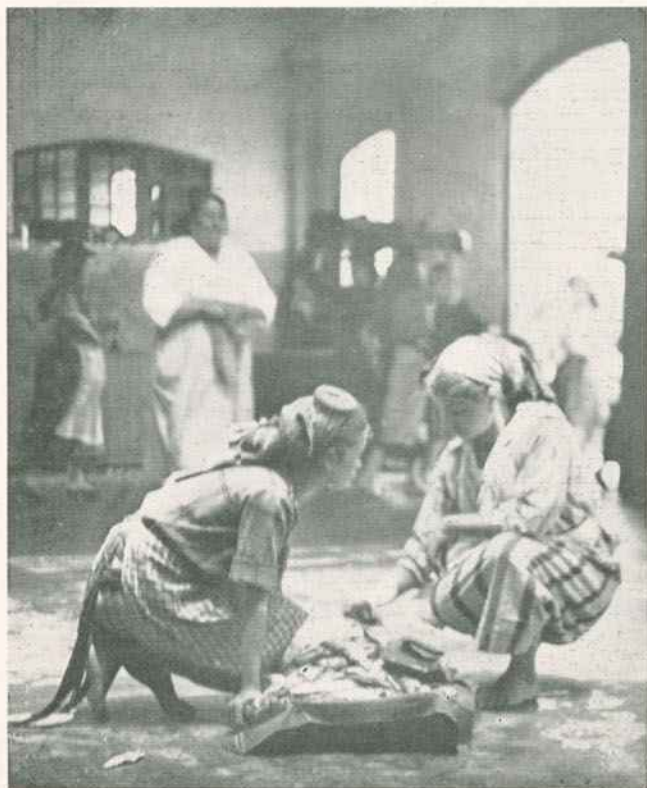
Para o peixe, têm de aparecer na Ribeira mais cedo, com as arrematantes, antes da lota. A alvorada na Esperança não vai além das cinco da manhã. A tal lota, primeira transacção do pescado, a sua distribuição para revenda, dá-se às seis no Mercado, que a essa hora já fervilha confusamente sonoro, como se depreende de um grande ajuntamento de varinas que chegam com ares de madrugada, se distribuem aos grupos, ficam de conversa com a canastra vazia, antes de com ela ensaiarem todas as atitudes entre si, os gestos convincentes com que se exhibe o rico peixe, todo o palavriado habitual.

Daí segue-se a batida apressada, seja sob que tempo fôr, aos bairros da cidade, por ruas e ruas, gritando para lá das janelas mais altas, regateando com a mesma alma, de porta em porta. E há ainda a pior das odisseias, a odisseia com a polfêia do giro que vem lançar o pânico nos mercados que se improvisam pelo Borratem e outros escosos, e não se pode perder, a todo o custo, porque a freguesas acorrem certas.

Contra isso já existem peixarias legalmente estabelecidas, com a sua fachada



INTERIOR DUM PÁTIO ONDE MORAM VARINAS...



EXAMINANDO A COMPRA...

inscrevendo firmas: *Amélia y Maria; Florinda, Maria y Anastácia*, etc.... E a Maria, que não paga o mesmo imposto e se não salvou com as restantes do delicto de merca na via pública, tem a sua semana ganha na próxima esquadra aonde a conduz um senhor guarda blindado sob a farda às maiores súplicas, aos tristes queixumes, às lágrimas sinceras e falsas que o lenço recolhe humildemente. Como se ela



CONVERSANDO DURANTE A LOTA...

fôsse capaz de voltar como as outras à mesma, assim que êle voltou as costas e a leva presa, quasi com a certeza de que não é a primeira multa que a fará pagar.

Assim é a vida, enquanto se não atinge a idade daquele fadário e se fica em casa, lidando-se com a cozinha e o arranjo dos irmãos mais novos. Entre as varinas, pelo menos em Lisboa, existe o sistema social do matriarcado. É a mãe, muitas vezes já avó, o chefe de família, que trabalha mais, governa a casa, dispõe dos haveres familiares. Por norma, a mulher casada trata exclusivamente do marido, deixando às filhas mais velhas o cuidado dos mais pequenos. É ela quem ainda representa, social e comercialmente, o crédito da casa. O homem pode trabalhar, negociar, mas quando compra manda sempre assentar na conta da mulher, única entidade de cotação pecuniária na Madragôa.

O primeior luxo da varina consiste no alimento, está na barriga. Por isso a vemos esplendidamente tratada, expedita, pujante de vida. Contudo, pela manhã, antes da lota, é uso tomarem só café. A grande refeição geral dá-se às cinco da tarde, de volta da venda. Dela faz parte inerente uma grande escudela de água. A

varina não é amante de vinho; raro se encontra uma peixeira embriagada. A água de que é feito o mar, vem a ser o seu segundo elemento. Entretanto, durante a merca, devoram o seu faneco de pão, e muitas, das mais cotadas, servem-se da cozinha das freguesas.

Após a barriga, está, como para as serviçais, o grilhão. Este não representa

tante em cada peça de indumentária. Porém o grande requinte da varina está no negro, no traje negro. E no perfume — a varina perfuma-se quando se ostenta de gala.

Outra surpresa: — Para essas mulheres alegres, exuberantes de vitalidade, a grande cerimónia existe nos enterros. O entêrro é para elas o acto mais solene, onde estadeiam o que têm de melhor e se perfumam com mais abundância...

Por outro lado, o casamento da varina reduz-se a uma cerimónia simples, discreta, como uma mera sujeição às leis da vida.

Mas a varina mal tem tempo para pensar noutra coisa que não seja a sua merca esfalfante, a sua odisseia quotidiana através as ruas... Às cinco recolhe em grandes bandos alegres a casa, e entrega-se à família. A lota vem cedo. O seu grande interesse visa apenas umas leiras na terra e uma casinha de proprietária para morrer em descanso diante do mar. Ou então ficar em Lisboa, com a sua geração e a venda de peixe, que eternamente se grita e regateia à gente da capital.

E cada noite cai sobre o silêncio, onde há muito se dorme e sonha no bairro da Esperança! **Aleixo Ribeiro.**



ARRANJANDO AS CANASTRAS

(Fotos de João Martins)



á pesca

O *crêdor*: — Quero falar ao sr. Lopes.
O *criado*: — Está no banho.
O *crêdor*: — Não faz mal, eu sei nadar.

— Lembras-te daquele belo relójo que eu perdi há seis meses?
— Lembro-me perfeitamente.
— Pois, hoje, vesti um colete velho e sabes o que encontrei na algibeira?
O *relójo*?
— Não, o buraco por onde êle cafu.

— Tenho as minhas terras plantadas com algodão.
— E dão-te bom rendimento?
— Algo dão.
— Porque será que o cisne canta antes de morrer?
— Porque depois de morto já não pode cantar.

Entre amigas:
— E o teu futuro é aquele marreco?
— É.
— Aquilo é que se chama um futuro imperfecto.

— Porque vais a correr?
— Porque comprei agora mesmo um chapéu para a minha mulher e se me demoro no caminho, quando chegar a casa já o chapéu passou de moda.

— Tenho um gramofone raríssimo. Pertenceu ao Marquês de Pombal.
— Mas no tempo do Marquês de Pombal ainda não havia gramofones.
— Por isso mesmo é que êle é raríssimo.

— E porque é crescer a barba?
— Porque a minha mulher que eu use uma grame fez.
que deixaste

Num banquete de convidado dirige-se a outro convidado:
— Muitos para casamento um
— Mas eu não sou o noivo!
— Pois é por isso mesmo.

O *empregado*: — Dá-me licença 2 horas?
O *patrão*: — Para quê?
O *empregado*: — Para ir ao enterro.
O *patrão*: — Ora... ora... também eu quero ir ao enterro vou.

De volta de uma viagem a Paris perguntam ao Sarze das:
— E não tiveste dificuldade o francês?
— Não. Os franceses é que tiveram uma grande dificuldade a derem o português.

— E fazia muito calor nessa terra africana?
— Muito. Imagina que tínhamos que dar a comida gelada às galinhas.
— Porquê?
— Para elas não põem os ovos cozidos.

Dum romance de capa e espada:
— Ah!! exclamou o cavaleiro no mais puro castelhano.

No colégio:
O *professor*: — Menino António, construa uma frase onde figure a palavra «chicória».
O *menino António*: — Tôdas as manhãs tomo uma chávena de café com leite.
O *professor*: — Onde está a chicória?
O *menino António*: — No café.

— Sabes? Já se transmitem retratos pela rádio.
— Com moldura?

A *visita*: — Ai que engraçadinho que êle é. Tem exactamente os olhos da mãe.
A *mãe do menino*: — E o nariz do pai.
O *menino* (que tem umas calças muito largas): — E as calças do meu tio.

Um *espanhol*: — Este ar de Cadiz é o mais quente. Não há em parte alguma um ar que queime como êste.
Um *português*: — Em Lisboa temos um ar que queima mais.
Um *espanhol*: — Isso é impossível.
Um *português*: — É o ar... chote.

No colégio:
O *professor*: — Então o menino vem para a aula com uma meia numa perna e uma peúga na outra.
O *aluno*: — Que quiere o senhor professor, só tenho dois pares e o que lá ficou em casa é igual a êste.

A *mãe*: — Joaquim... Joaquim, o Tininho enguliu uma moeda de dois tostões.
O *pai*: — Então puxa-lhe pelo nariz a ver se sai uma pastilha de chocolate.

— Acabo de ouvir uma história horrível a respeito do teu marido.
— Conta... conta que eu estou muito precisada dum vestido novo.

Entre amigos:
— Actualmente minha mulher é quem faz a comida.
— A minha também.
— Sim?... É o que é que tu tomas para o estômago.

Na estação do caminho de ferro:
O *passageiro*: — O combóio das 5 chega ou não chega?
O *chefe da estação*: — Trás duas horas de atrazo.
O *passageiro*: — Mas então para que servem os horários?
O *chefe da estação*: — Ó senhores, se não fôsem os horários como é que se havia de saber o atrazo que os combóios trazem.

O pescador — Lino Ferreira.

Noticias da Quinzena

ALMADA NEGREIROS



O bizarro artista Almada Negreiros, de volta de Madrid, onde fez sucesso e onde marcou a sua passagem, falou ao público, na última quinta-feira, no Teatro Nacional. A sua conferência, intitulada *Direcção Unica*, interessou e levou àquela casa de espectáculos uma assistência escolhida e numerosa.

CÉSAR DE FRIAS

O escritor e jornalista César de Frias — hoje à frente do *Magazine Bertrand* — é além dum espirito culto e ilustrado,



um crítico literário brilhante, cheio de observação e de critério. César de Frias acaba de coligir, num interessante volume, «Cem das melhores poesias religiosas da língua portuguesa». Segundo aquele nosso colega, o significado do título da obra reside no «pretender documentar a frequência dos motivos religiosos na poesia luso-brasileira». Esquivou-se, afirma César de Frias, numa nota inserta na obra, ao exemplo, aliás de grande prestigio, de Carolina Michaëlis de Vasconcelos, e em vez do título de «As cem melhores poesias» decidiu-se pelo do «Cem das melhores poesias»... Porque, na hora presente, conclui o autor da «Antologia», não é lícito a ninguém afirmar ter lido tudo, absolutamente tudo, de uma literatura, quando esta já conta séculos de existência e quando o trabalho a organizar —

e é este o caso — abrange também autores muito modernos e ainda vivos, em plena actividade.

O que é certo é que César de Frias lançou no mercado uma obra útil e de agrado seguro do público, hoje mais do que nunca ávido de literatura onde encontre qualquer coisa que lhe prenda a atenção e lhe ministre um pouco de fé, na fé que levou os poetas portugueses e brasileiros a firmarem poesias de sentimento religioso.

RAUL LINO

A Sociedade Nacional de Belas Artes e a Sociedade de Arquitectos Portugueses ofereceram ao sr. Raúl Lino as insignias da Ordem de Sant'Iago da Espada, com que o Governo agraciou aquele distinto architecto



pelo seu triumpho em Paris, como autor dos projectos dos pavilhões portugueses na Exposição Colonial.

Para esse effeito realizou-se uma sessão solene na S. N. de B. A., que foi presidida pelo chefe do Governo.

CRISTINO DA SILVA

O Município de Lisboa incumbiu o distinto architecto Luís Cristino da Silva de estu-



dar o prolongamento da Avenida da Liberdade, executado por forma a que, uma enorme recta, rasgada sem peias para o trânsito, venha dividir, a meio, a parte norte da cidade.

Um exemplo: a «Avenida Diagonal» de Barcelona, que tem uma extensão de mais de sete quilómetros, e corta, nesse sentido geométrico, a cidade.

Pelo plano do architecto Cristino da Silva, e sobre o qual a Comissão Executiva da C. M. L. está elaborando, com o Conselho dos técnicos o projecto definitivo das obras a realizar, existe uma larga avenida, continuação da da Liberdade.

GUEDES DE AMORIM



Guedes de Amorim — nome conhecido do jornalismo diário — lançou no mercado mais uma novela: «A bailarina negra».

Lê-se dum fôlego. Interessa. Há páginas repassadas dum lirismo simples e natural. É uma novela sincera e humana. Firma os créditos de escritor de Guedes de Amorim — nervos, imaginação e sentimento — e dá-nos a certeza de que está ali um prosador seguro, de quem a literatura portuguesa ainda espera mais.

RUI COELHO



Fot a Madrid o maestro Rui Coelho dirigir a Orquestra de Perez Casas, que executou composições da sua autoria. Toda a imprensa madriena dirigiu ao illustre maestro os maiores elogios. O crítico do *A B C* escreveu:

«Na terceira parte dirigiu Pérez Casas a «Orgia», de Turina, que fechou o programa: mas depois de o maestro Rui Coelho ter dirigido as páginas de que é autor: «Alcáçera», uma série de quadros fantásticos que foram applaudidos; uma «Dança portuguesa» e um «Fado» de uma «suíte» de concerto. ...Revelam os dotes de músico inspirado que maneja facilmente a instrumentação moderna sem cair nas aberrações do modernismo, e que sabe revestir com elegância a graça que palpita nas ideias. O fado com especialidade, de saborosa inspiração, agradou muito ao auditorio, que premiou com nutridos e unânimes aplausos o illustre e simpático maestro lusitano.»



O D. O. X.

O avião gigantesco «D. O. X.» que esteve no Tejo alguns meses e que levou a bordo o almirante Gago Coutinho — que pela segunda vez atravessou o Atlântico — acaba de chegar à Alemanha, com escala pelo Funchal, Vigo e Southampton, e cuja anunciada passagem por Lisboa fez os lisboetas andar todo um dia de nariz no ar em vão... O entusiasmo com que foi recebido na Alemanha, ressalta da nossa gravura, obtida na ocasião em que desceu sobre as águas do lago Mueggel, próximo de Berlim.

UM GUERREIRO CÉLEBRE

O 50.º aniversário da morte
DE
JOSÉ GARIBALDI
o "Herói Nacional" Italiano

No dia 2 deste mês comemorou-se em toda a Itália o 50.º aniversário da morte do grande guerreiro italiano José Garibaldi, o «herói nacional».

Foram colocadas sobre a sua sepultura, corôas enviadas pelos governos do Uruguai, Argentina, Brasil, Grécia e França, como homenagem ao lutador que se bateu pela independência de vários países.

Inaugurou-se também um monumento à sua companheira — Anita Garibaldi — e houve uma peregrinação à ilha de Caprera, perto da Sardenha, onde se encontra o túmulo de José Garibaldi.

*
* *

Quem era José Garibaldi?

Nasceu em 1807.

Era filho dum pobre pescador que a custo lhe deu uma escassa educação.

Foi marinheiro e embarcou durante muitos anos, tendo dado a volta à península italiana, mais de dez vezes.

Em 1834 ingressou numa associação denominada «A Jovem Itália».

Por ter tomado parte nuns assaltos a barcos e tendo feito autêntica pilhagem sob o comando de Mazzini, foi condenado à morte.



A MORTE DE ANITA

(Quadro de Fabbi)

Fugiu. Esteve em Marselha alguns anos.

Mais tarde assentou praça, ainda como marinheiro, na armada do Bey de Tunísia.

Depois de vários anos ter andado a percorrer as costas da Tunísia, seguiu para a América do Sul.

Nesse tempo existia a República do Rio Grande.

Ao seu serviço lutou com os brasileiros e de tal maneira se houve, de tal maneira mostrou a sua valentia que foi eleito chefe duma legião.

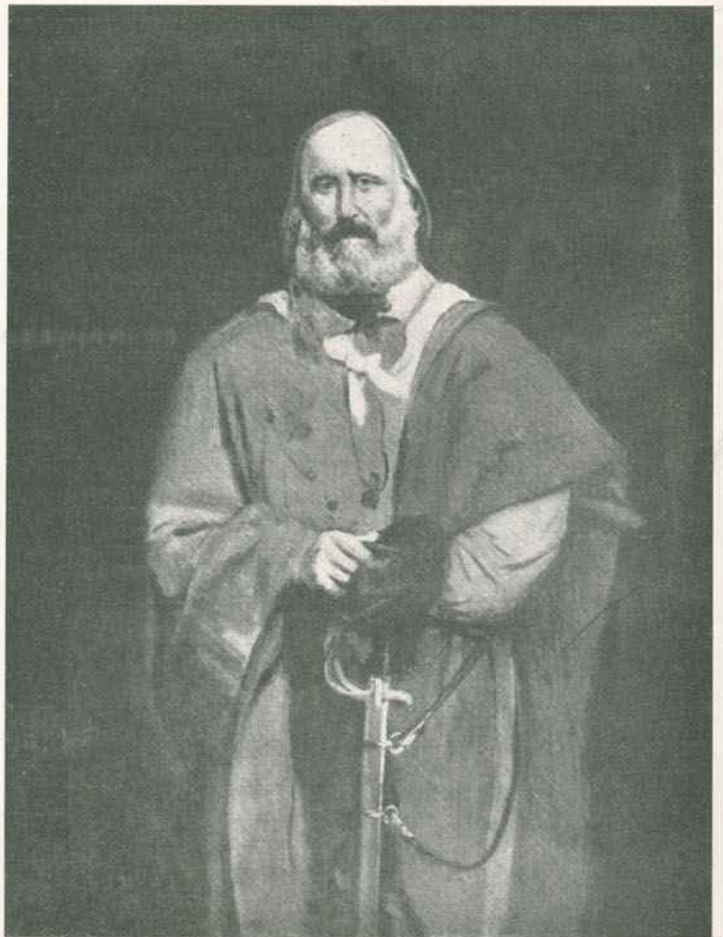
Anos depois, conhecida a sua bravura e o seu heroísmo foi viver para Uruguai. Ali organizou a célebre «Legião Italiana» que combateu por largo tempo os argentinos. A sua heroicidade mais e melhor foi conhecida. Defendeu com tal ímpeto e galhardia os portos da capital de Uruguai, que ficou conhecido na história daquele país pelo «herói de Montevideo».

*
* *

Em 1848, voltou a Itália cheio de prestígio.

A sua fama era já do domínio público.

Organizou um corpo de voluntários e à frente deles combateu com denodo os



JOSÉ GARIBALDI

(Quadro de Gerolamo Induno)

austríacos. Em três combates, que ficaram célebres na história guerreira da Itália, obrigou o inimigo a entrar em negociações.

Recolheu à Suíça. Só em 1849 entrou novamente em Roma e desta vez para apoiar a República que tinha sido implantada por Mazzini. Este, conhecendo-lhe a valentia e o prestígio, entregou-lhe o comando das tropas. Porém, a indisciplina lavrava e difícil era conseguir manter em ordem o exército. Sofreu grandes perseguições e foi desconsiderado. A sua lealdade e bravura não podiam sofrer tal vexame. E uma tarde, Garibaldi, à frente de 4.000 homens que o seguiram, viu-se cercado. Trinta dias durou o cerco. O grande guerreiro lutou desesperadamente, lutou até ao fim, mas foi obrigado a fugir para se salvar e salvar os seus, principalmente sua companheira, Anita Garibaldi, que era filha dos bandeirantes portugueses Antónia Antunes e Bento Ribeiro da Silva, que havia conhecido em terras brasileiras.

Durante essa fuga — fuga que deu motivo a muitos pintores levarem à tela essa odisséia desesperada — Anita Garibaldi, exausta, sem forças, acabou por lhe morrer nos braços. As privações por que passaram foram muitas e as forças



MONUMENTO A GARIBALDI

(Do escultor Gallori)

da pobre senhora, foram faltando até que o grande guerreiro ficou sozinho...

Caiu numa grande tristeza e cheio de desgosto, voltou para o Novo Mundo. Esteve nos Estados Unidos e ali se fez comandante dum barco mercante. Garibaldi, como bom italiano, tinha a paixão do mar.

Passados anos, regressou ao seu país e quando a velhice começou a invadir-lhe o corpo e a alma, refugiou-se na ilha de Caprera. Comprou grande parte dela. Viveu os seus últimos dias metido nessa ilha, que fica ao norte da Sardenha. Uma vez no seu país a doença atacou-o. Sofreu muito até que a 2 de Junho de 1882 fechou os olhos para sempre.

*
* * *

Os últimos anos da sua vida ainda foram assinalados por feitos militares de grande relevo.

Na guerra de 1859 em que Cerdenha conquistou novamente para Itália a Lombardia, Garibaldi e os seus caçadores alpinos, prestaram grandes serviços.

No ano seguinte, durante a revolução da Sicília de 1860, esteve nesta ilha e

conseguiu, depois de encarniçada luta, raptar o rei de Nápoles.

De regresso a Roma, foi objecto duma delirante manifestação.

Foi ocupar a cidade de Nápoles, onde se proclamou ditador das Duas Sicílias.

Pouco tempo durou essa ditadura. Garibaldi, fiel à sua Pátria, depressa declinou o poder, e de bem com a sua consciência e com o seu velho lema, entregou o governo das Duas Sicílias ao reino central italiano.

Em 1862 ainda pegou novamente em armas para resolver a chamada questão romana. Com um pequeno grupo de homens, assaltou a Calábria, mas foi feito prisioneiro pelas tropas reais. Meses depois foi posto em liberdade.

Em 1866, num arranço de valentia, comandou uma força de voluntários e defendeu o Tirol contra os austríacos. Este combate, no entanto, pouco resultado teve.

No ano seguinte, quis tomar Roma, mas foi derrotado pelas tropas pontificais e francesas e novamente o prenderam. Libertado, tempos depois, em 1870, apoiando o governo francês contra os alemães e à frente de vinte mil homens prestou relevantes serviços à Itália.

Ao terminar a guerra foi eleito

membro da assembleia francesa. Demitiu-se e voltou para a sua ilha de Caprera.

Já depois de Roma ser capital da Itália, José Garibaldi tomou assento como deputado no Parlamento, em 1875.

Garibaldi durante os últimos anos da sua vida dedicou-se à literatura tendo escrito duas novelas que ainda hoje são muito apreciadas.

*
* * *

A caminho de Itália, passou em Lisboa, no final do mês passado, a neta do grande lutador: Anita Garibaldi, que foi assistir, a convite do governo de Mussolini, às festas garibaldinas.

Desembarcou com quatro malas, 200 fotografias históricas e 3.000 documentos, que durante três anos andou rebuscando pelos arquivos das bibliotecas da Argentina, do Uruguai e do Brasil, e que atestam a passagem e a acção do grande guerreiro italiano que foi seu avô.

Anita Garibaldi, percorreu durante muito tempo os campos de batalha de Garibaldi e de sua mulher Anita Ribeiro da Silva, filha de portugueses.

A neta de Garibaldi, que durante a sua viagem pela América do Sul escreveu um livro sobre a vida de seu avô, pensa em voltar dentro dum mês a Portugal onde completará a história do célebre corsário.

Formada pela Universidade de Roma, Anita Garibaldi serviu como enfermeira nos campos de batalha da Grécia, da Itália e da França, combatendo ao lado de seu irmão o célebre general Pepino Garibaldi, comandante da legião alpina e dos «Camisas vermelhas». Como delegada do governo italiano, assistiu em 1924 ao Congresso de Washington, para o desarmamento, ao de Genebra e ao de Haia, este último sobre comércio com a Rússia.

A.



O CÉRCO DE ROMA

(Aquarela de De Bellis)

MATANDO SAUDADES



CONFRATERNIZAÇÃO — OS DIPLOMADOS DOS CURSOS SUPERIOR DO COMÉRCIO E INDUSTRIAL DO ANTIGO INSTITUTO INDUSTRIAL E COMERCIAL DE LISBOA, DOS ANOS DE 1897 A 1904, REÚNIRAM-SE NO DIA 31, NUM BANQUETE DE CONFRATERNIZAÇÃO. A FESTA DECORREU MUITO ANIMADA, TENDO SIDO SAUDADOS OS PROFESSORES. NA NOSSA GRAVURA VÊM-SE OS SRS. ALVARO DE SOTSA LIMA, ANDRÉ BLANCO PONCE MACIAS, ANIBAL DOS SANTOS CAVACICH, ANIBAL MARIA FERREIRA BOTÓ, ANTÓNIO NUNES QUINTA, MANUEL FERREIRA DA ROCHA, GUILHERME WILFRED BASTOS, JOAQUIM MARTINS GRALHA, JOÃO JOSÉ SILVA TEIXEIRA, JOÃO CAPELO JAMES, JOÃO SEQUEIRA NUNES, JOSÉ AUGUSTO NEVES, JOSÉ FRANCISCO BORGES PERALTA, JÚLIO PINTO GONÇALVES, LUIZ DA SILVA VIEGAS, NUNO TELES PINTO, RAÚL RODRIGUES COHEN, SEVERIANO DA CUNHA FERREIRA, ANIBAL LÚCIO DE AZEVEDO, JAIME AUGUSTO FERREIRA, RICARDO LOPES DA CRUZ E JOSÉ CUSTÓDIO AUGUSTO COIMBRA, QUE ASSISTIRAM AO BANQUETE



REUNIÃO DE CURSO — GRUPO DOS ALUNOS DO 2.º ANO TEOLÓGICO-JURÍDICO DE 1896-97, TIRADO EM COIMBRA, NO DIA 5 DESTES MÊS, PARA FESTEJAR O 35.º ANIVERSÁRIO DA SUA FORMATURA. É A SEXTA VEZ QUE SE REÚNE ESTE CURSO. NA GRAVURA VÊM-SE, ENTRE OUTROS, OS SRS. TÍMPO DE LEITIA, DR. FERREIRA PINTO, DIRETOR DO SEMINÁRIO DO PÓRTO; DR. JOSÉ ALBERTO DOS REIS E JOSÉ MARIA JOAQUIM TAVARES, PROFESSORES DA FACULDADE DE DIREITO DE COIMBRA; SÍMÃO ARGENTA, CONDE DA RIBEIRA, DE AZEVEDO, DE ALENTEJO E DE LÍCIA; DESEMBARGADOR ADRIANO JOAQUIM FERNANDES, FREDERICO DA FONSECA, MANUEL JOAQUIM COIMBRA, EUSTÁGIO GARCIA MARQUES, TEODORO MESQUITA, AGÁCIO MENDES, JOSÉ JÚLIO CESAR, MANUEL GARCIA, MANUEL PESSOA DA FONSECA, JAIME DUARTE SILVA, JOSÉ DO NASCIMENTO, JOSÉ JOAQUIM CARDOZO, ANTÓNIO DA SILVA, ETC.



RECORDANDO O PASSADO — NUM DOS RESTAURANTES DE LISBOA REALIZOU-SE, A SEMANA PASSADA, O JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DA ESCOLA POLITÉCNICA, CURSOS DE 1904 A 1907. NA MANHÃ DO DIA DO BANQUETE, UM GRUPO DE ANTIGOS ALUNOS MANDOU BEZAR UMA MISSA, NA IGREJA DE S. DOMINGOS, POR ALMA DOS CONDÍSCIPULOS FALECIDOS E ÀS QUINZE HORAS EFECTUOU-SE A VISITA À ESCOLA



As estreias das duas semanas anteriores fazem-se notar, sobretudo, pela sua variedade. De facto, pelos ecrãs dos primeiros cinemas da capital, exibiram-se filmes dos mais diversos géneros — desde a opereta alegre e fantástica, como *Tenente do amor*, até ao filme espectacular da guerra nos ares, como *Anjos do Inferno*, passando pelo romance policial de *Fantomas* e pela sátira engenhosa de *Tio Sam na corte do rei Artur*.

O género opereta, com todas as suas qualidades e defeitos, ficou menos mal representado por *Tenente do amor*. Este filme está longe de muitos outros que temos apreciado. Mas a sua efabulação inverosímil, que se anuncia, contudo, baseada num facto autêntico, presta-se a uma série de cenas graciosas, comentadas pela música ligeira e agradável de Robert Stolz. Pena é que o diálogo em alemão tenha reduzido para nós o efeito de algumas excelentes cenas de comédia.

Na interpretação do principal papel deste filme pudemos apreciar Dolly Haas. Artista de extraordinária intuição, o seu trabalho é apenas prejudicado pela discordância evidente entre o seu tipo físico e o que a rubrica exigiria. Gostaríamos de voltar a vê-la num papel que mais lhe conviesse.

O velho filme policial, de entreccho folhetinesco e evocativa memória, reviveu em *Fantomas*, versão moderna dum romance antigo que, através de longos episódios, já animara, vai para quinze anos, a tela dos nossos cinemas.

Fantomas é um filme-tipo do seu género. Abundam no seu argumento as mais estranhas peripécias. Se umas e moçio n a-



avição, poderia supôr-se que *Anjos do Inferno* se limitaria a repetir tantas outras produções idênticas e a gozar, portanto, junto do público, de reduzido interesse. Nem uma nem outra coisa assim sucederam, porém.

Se a escolha do seu argumento não foi das mais felizes, não é menos certo que a realização técnica das cenas aéreas ultrapassa tudo quanto temos admirado. Inferior na sua totalidade a *Patrulha de alvorada*, por exemplo, consegue em algumas cenas levar mais longe o realismo das lutas aéreas e das cenas de destruição. A interpretação é acertada, mas não é esse o lado mais forte do filme.

Para rematar referir-nos-emos a *Tio Sam na corte do rei Artur*, uma das mais curiosas produções do cinema americano últimamente exibidas entre nós.

Baseado numa obra do original humorista Mack Twain, este filme apresenta-nos um yankee em toda a sua vulgaridade, transportado à corte do lendário e cavaleiresco rei Artur. Este fértil assunto foi, como era de esperar, explorado no sentido dum

sátira graciosa aos costumes americanos, que o público facilmente compreendeu através de algumas legendas oportunas.

Certa falta de subtilidade e uma acentuada propensão para o humorismo fácil, obtido à custa de repisar o anacronismo, seriam defeitos a censurar num filme europeu. Mas porque se trata duma produção americana, é mister aceitá-la com essas características que são o próprio fundamento do humorismo yankee.

De resto, há através do filme sobejos motivos de apreciação, como sejam certos comentários cheios de ironia à mentalidade americana.



Manuel L. Rodrigues.

Cinema

Revista das Estreias

ram, outras houve que fizeram apenas sorrir, de tal modo a sua inverosimilhança se torna evidente. Mas a verdade é que Paul Fejos soube tirar do assunto todo o efeito possível, e os defeitos fáceis de apontar devem antes ser atribuídos ao assunto que ao realizador. Este demonstrou bem, quanto a nós, o seu valor reduzindo às dimensões usuais o entreccho complicado em que se baseou, e dando-lhe uma realização técnica admirável.

Conjuntamente com este filme exibiu-se um documentário sobre *O aço* que merece referência. Trata-se duma série de belas imagens por onde perpassam, nos seus aspectos mais curiosos, as diversas fases da fabricação dos aços. Essas imagens encontram-se sonorizadas com uma partitura especialmente composta para esse fim e que constitui uma excelente peça de música moderna, de grande poder sugestivo.

Filme de guerra e, sobretudo, filme de

EM CIMA: RICHARD ABLEN, GRETA GARBO E REGIS TOOMEY
EM BAIXO: ANTONIO MORENO E MAURICE CHEVALIER



Já em tempos tivemos ocasião de manifestar aqui o nosso protesto contra a instituição antiquada e inútil dos contratadores de bilhetes.

A função dos contratadores é sempre feita em prejuízo do público, obrigado a pagar pelos bilhetes que eles açambarcaram vinte por cento sobre o preço da tabela ou o mais que as circunstâncias lhes permitirem. Vantagens desta operação não podem resullar, evidentemente, para o público. Nada justifica, portanto, a existência desta classe, aferrada como antipático parasita à indústria do espectáculo.

Nestas condições seria razoável que pelas autoridades competentes fosse negado o direito ao exercício dessa profissão. Mas ainda que isso se não venha a fazer, bem avisados andariam os dirigentes das grandes empresas de espectáculos impedindo esse comércio à porta das suas salas. Ganharia com isso o ambiente de simpatia e correcção que interessa manter para com o público. E nada perderia a empresa que o fizesse, pois é sabido que os bilhetes não vendidos pelos contratadores aparecem, algumas vezes mais tarde, nas sobras da bilheteira.—M. R.

Do romance que serviu de tema a Paul Fejos para realizar *Fantomas*, agora exibido no São Luiz, fóra já extraído, como se sabe, um desses longos filmes de séries que tiveram a sua época há uns bons doze ou quinze anos.

Não deixa de ser curioso recordar que essa primeira versão de *Fantomas* foi o primeiro filme em séries exibido em Portugal tendo-se estreado no Olímpia e Chiado Terrasse, ao tempo os melhores cinemas da capital.

O mais curioso, porém, é que os espectadores que assistiram a essa estreia, não conhecendo ainda o género e não estando habituados a ver o firme interromper-se para continuar na semana seguinte, consideraram-se lúbricos e exigiram, em altos gritos, o dinheiro dos bilhetes ou o resto da fita. Parece que os respectivos empresários tiveram enorme dificuldade em convencer os recalcitrantes, o que não impediu que, algum tempo passado, a exhibição de filmes de séries tivesse chegado a constituir um dos mais rendosos negócios.

Continua sem solução o incidente a que já nos referimos entre a Paramount e Joseph von Sternberg, este secundado na sua atitude de rebelião pela sua artista preferida, a perturbante Marlene Dietrich.

A estreita camaradagem sempre havida entre o realizador e a «estrela» que através

CINEMA

NOTA DA QUINZENA

Ainda os contratadores

dos seus filmes éle soube impôr como uma das maiores celebridades modernas, tornavam fácil de prever na hipótese do caso presente, a sua perfeita solidariedade. Talvez até a messe essa entre realista, co antes

ta solidariedade. Paramount te- aproximação en- zador e ar- quando pou- do incidente



LILY DAMITA ESDEJADA POR CHARLIE RUGGLES E O POPULAR CÔMICO ROLAND YOUNG

anunciou a sua intenção de os separar confiando Marlene a outro realizador e entregando a Sternberg a direcção de outros artistas.

Deste modo, a não solução do incidente que relatámos no último número continua a representar para a Paramount um prejuízo duplo. Em primeiro lugar pela perda de Sternberg, um dos maiores vultos da cinematografia europeia arrebatados por Hollywood. Em segundo, pelo afastamento de Marlene Dietrich, actriz de invulgar popularidade e a única rival séria da grande «estrela» Greta Garbo.

Veremos o que faz nesta conjuntura a céle-

bre empresa americana. Dum lado está a pesada perda que lhe inflige o rompimento definitivo com os dois artistas. Do outro está a disciplina do estúdio que uma vez quebrada poria em risco toda a autoridade de que os produtores se sentem investidos.

Falase já em que se tencionia fazer substituir Marlene por Tallulah Bankhead, a famosa *ranch* que era ainda há pouco a actriz mais conhecida e bem paga de Londres, e que a Paramount tem agora, sob contrato. Mas a noticia carece, por enquanto, de confirmação.

Clara Bow está tratando de emagrecer. A sua demorada vilegiatura no *ranch* de Rex Bell, seu marido, fizeram-na aumentar consideravelmente de peso. E o seu anunciado regresso ao cinema exige-lhe agora uma rigorosa dieta que a reconduza à sua primitiva silhueta esguia e elegante. Isto torna-se tanto mais necessário quanto é certo que a máquina de filmar tem uma certa tendência para exagerar no *écran* qualquer excesso de gordura, por mais modesto que seja.

Os últimos pormenores vindos a público sobre o novo contrato da famosa «estrela» dizem que a sua duração é indeterminada, podendo ser rescindido logo após o primeiro filme ou prolongado por acôrdo entre ambas as partes. Sabe-se também que por cada um desses filmes Clara receberá a admirável quantia de cem mil dólares.

A preocupação de cantar bem, de dar à voz todas as inflexões, de não esquecer um acento, uma palavra—tudo isto exige por vezes do actor demasiada atenção, que o obriga a esquecer um pouco o que diz respeito ao seu jôgo fisionómico.

Para evitar este inconveniente usa-se nos estúdios dum processo a que se chama *playback* e que consiste em registar separadamente sons e imagens. Fixam-se primeiro os sons o que permite ao actor concentrar toda a sua atenção na voz e nas suas inflexões justas. E em seguida filmam-se as cenas em que o actor reproduz os movimentos correspondentes à sua

própria voz, que lhe vai sendo repetida por um alto falante.

Este processo, tendo vantagens, tem também grandes inconvenientes e todos os que conheçam a arte de representar podem avaliá-los. Contudo, tem sido já empregado em filmes de categoria.

Vão reviver alguns dos passados êxitos de Rodolfo Valentino. A Paramount anuncia para breve uma nova versão de *Arenas sangrentas*, e é provável que Clark Gable venha a interpretar a famosa criação do grande actor em *O Sheik*.

CINEMA

FONOCINEMA PORTUGUÊS

A constituição duma empresa cinematográfica nacional, louvável empreendimento que lança as primeiras bases sólidas dessa indústria no nosso país, vem concretizar e dar a maior das actualidades a diversos problemas que ao assunto se ligam.

De facto, tudo leva a crer que a produção de fonofilmes em Portugal será muito em breve uma agradável realidade. E sendo assim, tôdas as questões que a tão importante indústria se prendem deixaram de constituir motivo de divagações para jornalistas e conversadores, para se tornarem problemas da mais instante actualidade.

Entre estes problemas contamos como um dos mais importantes o da cooperação do Estado na indústria que agora se vai eriar. Essa cooperação tem uma importância vital para o êxito do empreendimento que se pretende realizar. O Estado não pode desinteressar-se duma indústria e menos ainda duma indústria de arte a que estão ligados factores tão importantes como o prestígio da língua e da cultura portuguesa. Mas essa cooperação pode realizar-se sob formas diversas.

A participação do Estado no capital duma empresa particular, qualquer que ela seja, não nos parece aconselhável. O Estado deve ter sempre funções meramente coordenadoras da actividade nacional. Deve facilitar, por todos os meios ao seu alcance, o exercício duma indústria, mas não intervir directamente nela.

A cooperação do Estado deverá, pois, neste caso limitar-se a tornar possível a vida da nova indústria, dentro das suas actuais condições económicas. São variados os meios de que poderá servir-se para atingir êsse fim. Entre outros, a isenção de pautas aduaneiras para o material a importar, a redução de impostos, a adjudicação de trabalhos, etc. Este regime de excepção que se reclama para a indústria cinematográfica tem a sua justificação. De facto, esta indústria terá nos seus primeiros tempos uma vida difícil antes que conquiste o lugar que lhe compete. Além disso, ela não representa apenas uma forma de actividade, mas um importante factor de cultura que o Estado deve reconhecer e auxiliar. Por tudo isto temos a certeza de que essa cooperação não deixará de se realizar.

Dado êsse primeiro passo de fundamental importância que é a construção do estúdio, surge a importante questão da produção e das suas directrizes artísticas.

Pelas declarações vindas a público, a empresa agora em formação encara desde já

a produção de fonofilmes. Há talvez nisso um erro inicial. O organismo-estúdio deveria manter-se à parte do organismo-produção. Isso representaria uma apreciável garantia para a estabilidade da indústria. Neste caso a entidade proprietária do estúdio cedê-lo-ia mediante contrato a qualquer outra que pretendesse produzir um filme. Ficariam assim assegurados os lucros da exploração industrial do estúdio e este a coberto das contingências financeiras da produção. O fracasso de qualquer iniciativa tendente a produzir um filme

excepções, só há inexperientes no assunto. Faltam-nos actores experimentados, como nos faltam realizadores. Entre os poucos de uns e outros que é possível apontar entre nós, nenhum possui do estúdio, da técnica e da arte cinematográficas, a indispensável experiência.

Aos que têm por encargo definir a orientação futura da produção cinematográfica em língua portuguesa convém ter presente esta circunstância.

Um actor não se improvisa. Na América, onde a personalidade do actor se apaga ante a autoridade de realizadores de larga experiência, a falta de prática supre-se, dum certo modo, por uma realização que faz do actor um autómato. Mas na Europa, e mais propriamente entre os latinos, a personalidade do actor mantém-se. O realizador não molda o intérprete ao sabor da sua vontade; colabora

com êle. Daí a necessidade do actor possuir um conhecimento suficiente das complexas exigências da câmara e do microfone, no que diz respeito a maquiagem, diction, etc.

Qual o meio mais aconselhável de proporcionar ao actor essa prática? Qual o meio de o iniciar, sem custosas experiências, no contacto da câmara de filmar e do microfone?

Um único sistema se nos afigura aconselhável — a realização de filmes curtos, pequenos sketches, números de variedades, onde o público se familiarizasse com os artistas e marcasse as suas preferências.

Tais filmes, que acertadas medidas de protecção poderiam tornar de inclusão obrigatória nos programas estrangeiros, representariam para todos os que dedicam ao cinema a sua actividade, uma experiência útil e pouco custosa.

Há uma coisa que o mais elementar bom senso aconselha a evitar no primeiro período de actividade da nova empresa — as grandes produções dispendiosas e arriscadas, que a inexperiência geral condenaria aos piores fracassos.

Aberto o caminho por êsses filmes curtos, seguir-se-iam mais tarde as produções de maior vulto. As probabilidades de êxito dos filmes de maior envergadura seriam então incom-

paravelmente maiores. De posse já dalguma experiência, realizadores e actores poderiam empreender com mais garantias de sucesso a criação de obras superiores.

Para aconselhar nos parece ainda que o cinema português procure orientar o gosto do público, em vez de se limitar a servir as suas predilecções, formadas através duma longa infiltração da produção americana, dum gosto discintível, mas duma influencia certa.



FRANCIS DEE, COM UM RAMO DE FLORES, O MELHOR COMPLEMENTO DA SUA BELEZA VIÇOSA

revestiria neste caso menor gravidade para o progresso da indústria, por isso que as suas bases fundamentais, ou sejam o estúdio e a aparelhagem, não teriam sido atingidas pelo golpe.

Mas seja ou não este o sistema adoptado, a produção vem, por sua vez, impor um problema da mais elevada gravidade — o da sua orientação artística.

Em Portugal, feitas umas raríssimas

HERMÍNIO LUSITANO foi despertado nas suas atarazas meditações por uma explosão retumbante. Ao mesmo tempo o abrigo dançava e rangia macabramente, sentindo-se ele arremessado várias vezes contra o tecto e contra as paredes, numa violência doída.

Mal o solo recava em repouso, nova explosão, porventura mais violenta, retumbou, num desalar de montanha.

Precipitou-se então para fora, e, de encontro a ele, veio uma onda de soldados, correndo em desvaio.

—Puja, meu alferes, fuja! clamaram alguns.

Hermínio quis opôr-se-lhes, obrigá-los a retroceder, mas pelo ar sentiram o rouquejar de outro avião que se aproximava, e, num arremesso longo, todos se atiraram ao chão, caído uns sobre os outros, Hermínio, arrastado pelo impulso, caiu também.

O monstro, no seu incompreensível resfolegar de pequena locomotiva, descaía veloz, e todos, naquele momento, desejariam ser cegos e

mais de cem quilos de ferro e pólvora, a curta distância dos desgraçados, que se sentiram arremessados para longe, entre terra, lama e estilhaços.

No meio do ribombão, ouviram-se gritos lancinantes e pavorosos.

Hermínio, ao cair no solo, estava atordoado, como tolo, mal tendo consciência do que se passava.

Ao nariz subiu-lhe um cheiro acre de carne esfacelada, sangue fresco e pólvora. Abriu os olhos e viu encostado ao seu rosto um vulto negro, distorrido e ensanguentado. Era o tronco de um soldado, cortado pelo abdome,



O REMUNICIAMENTO DA ARTILHARIA — PRÉCIO DO GRANDE FORTISSIMO LOUIS, EXPOSTO UTMAREMRE NA SOCIEDADE DE LERAS AVIÉS

PORTUGAL NA CONFLAGRAÇÃO EUROPEIA DE 1914-18

O MORTEIRO PESADO

Uma visão da guerra

enfim, enquanto para isso tivessem força, serenidade e ânimo, e contando sempre e acima de tudo com a boa sorte que os protegesse.

A cada explosão na linha inimiga, Hermínio Lusitano, com os seus soldados, orientando a vista pelo ouvido, procuravam sempre prender no ar o projectil, no seu caminhar lento e doído, até atingir o ponto mais alto da trajetória. Então, tinha uma curta paragem, virava à terra e, como seta despidida, descaía veloz, terrível, destruidor.

Entretanto, o bombardeamento, todo feito com morteiros pesados, continuava persistente, metódico, ininterrupto, parecendo que pretendiam hater toda a primeira linha, ocupada pelo batalhão.

Entretanto, o bombardeamento, todo feito com morteiros pesados, continuava persistente, metódico, ininterrupto, parecendo que pretendiam hater toda a primeira linha, ocupada pelo batalhão.

Não havia abrigos, não havia locais de refúgio, não havia nada que protegesse os desgraçados habitantes daquelas paragens malditas, a não ser uns rudimentares parapetos, constituídos por sacos de terra, atirados a esmo e que os bombar-

deamentos de todos os dias esfacelavam metódicamente.

Aqui e além, pequenos travezes e chapas de ferro canelado, apoiadas ao alto, dando a ilusão de abrigos, só utilizáveis durante as horas de repouso e como protecção contra as chuvas e humidades de inverno.

Como única defesa, restava-lhes o recurso de se colarem ao flússido parapeto e dali espreitarem no ar os morteiros, procurando assim evitá-los, rastejando nas lamias, jogando com elas as escandalias, fugindo-lhes,

ela se precipitarem em golpe certo e fatal.

Desejava uma verdadeira batida a coelhos, encerrados e condenados a bárbaro massacre.

Hermínio Lusitano teve que ir em perseguição dos seus soldados que, para fugir ao bombardeamento, se escapuliam para o flanco que se lhes afigurava mais seguro.

Na sua caminhada ao longo da trincheira, encontrou restos humanos, dispersos aqui e acolá, atirados de longe pela violência das explosões.

Uma mão decepada pelo pulso, negra e morta, erguia para ele os dedos curvados, em concha, como se esperasse a derradeira esmola da piedade humana.

Lusitano entrou no sector vizinho e, à força de energia e mediante ameaças, obrigou os seus soldados a voltarem aos seus lugares.

Entretanto, o bombardeamento abrangia. O *boche* substituiu os morteiros pesados por morteiros ligeiros e estes cadam de preferência no

sado. Por fim, roçou-se no chão, estendeu o braço e puxou.

Era uma cabeça humana, degolada pelos outros.

Nas faces maceradas, uma expressão violenta de espanto e cólera, a boca entreaberta no último brado de horror, e nos olhos embaçados e tristes, duas grossas lágrimas de dor resignada tinham gelado, como protesto, silencioso e inútil, contra a fúria humana.

—Meu irmão! Meu amigo! Meu desgraçado companheiro de infortúnio! — clamou Hermínio, a voz tremula de comoção.

E docemente, devagarinho, com recato de se magoar, depôs em terra aquele triste despojo humano, para depois o mandar recolher com todos os outros que andavam dispersos pela trincheira.

No pelotão havia mortos e feridos.

Estes tinham ido ou iam já a caminho do posto de socorros, lá para trás, um bom quilómetro a percorrer. Dos mortos, ignorava-se o número. As infamias eram desencontradas e a identificação seria difícil e para alguns impossível.

Um dos projectéis devia ter apañado um numeroso grupo de soldados, destroçados e esfacelados e só ficando a trincheira de restos sangrentos.

Resolvidos estes e feita a contagem do pelotão, verificou-se que ainda faltava gente. Dois, pelo menos, Dominados pelo pânico, teriam fugido da trincheira?

Mas a informação veio logo.

Durante o bombardeamento, houve quem tivesse visto ir pelos ares vultos enormes, arremessados para a «Terra de Ninguém» e estes cadam de preferência no

espaço abandonado entre a primeira e a segunda linhas.

Quando retrocedia, Lusitano viu no fundo lúcido de uma cova de morteiro qualquer coisa que lhe chamou a atenção. Aproximou-se e dois olhos negros, fundos, grandes, abertos em pavor, fixaram-se nele. Estacou, hesitante e horrori-

za tarefa píeiosa de os recolher em sepultura, no lado dos seus companheiros de fatalidade.

Depois de cerrar a noite, Hermínio e dois maqueiros saltaram o parapeto e foram rebuscar na «Terra de Ninguém» os corpos mutilados dos dois soldados.

Estôico inútil, porque nada conseguiram. Seria preciso esperar pela manhã.

Mal quasi dia claro, os mesmos maqueiros com os braços da Cruz Vermelha bem visíveis, erguendo ao alto, sobre o parapeto, a marca descontrolada, esperaram.

Do lado de lá, na trincheira inimiga, surgiram dois vultos que, levantando o braço, aceteram afirmativamente.

Então os maqueiros desceram devagar à «Terra de Ninguém» e, depois de esforços mandados, conseguiram arrancar ao emaranhamento de arame farpado o corpo de um dos soldados. O outro, a curta distancia, encontrava-se tão esfacelado e de tal modo entrolhado no arame, que foi impossível recolhê-lo.

Os dois maqueiros, sempre vigiados aten-



NO PRÉCIO DO GRANDE FORTISSIMO LOUIS, EXPOSTO UTMAREMRE NA SOCIEDADE DE LERAS AVIÉS

(Desenho de E. Hahn)

surdos para não sentirem aproximar-se a mais pavorosa das mortes. O coração, doído, afflito, pulava-lhes de encontro à terra, onde todos se alapavam, encolhidos, pequenos, inescríveis, a cabeça a estalar, a garganta estrangulada, em suor frio e viscoso a escorrer-lhes pela cara, enterrada na lama.

Vozes ciantes e gemebundas se ouviram em preces rápidas, e depois mais nada.

O morteiro caiu vertical, enterrou-se, e, depois, num arranco supremo e brutal, de terra mal ferida, explodiu, na sua força de

deamentos de todos os dias esfacelavam metódicamente.

Aqui e além, pequenos travezes e chapas de ferro canelado, apoiadas ao alto, dando a ilusão de abrigos, só utilizáveis durante as horas de repouso e como protecção contra as chuvas e humidades de inverno.

Como única defesa, restava-lhes o recurso de se colarem ao flússido parapeto e dali espreitarem no ar os morteiros, procurando assim evitá-los, rastejando nas lamias, jogando com elas as escandalias, fugindo-lhes,



O PELOTOÃO NEGRAMENTE DA BATAVIA — O BOMBEIATEIRO BRITÂNICO CHRISTOPHER SCARLE, DEU DOSTE SÓCIEDADE DE LERAS AVIÉS EM PRÉCIO DO GRANDE FORTISSIMO LOUIS, EXPOSTO UTMAREMRE NA SOCIEDADE DE LERAS AVIÉS



NO PRÉCIO DO GRANDE FORTISSIMO LOUIS, EXPOSTO UTMAREMRE NA SOCIEDADE DE LERAS AVIÉS

(Desenho de L. Brown)

tamente pelo inimigo, recontraram finalmente com o corpo do seu companheiro.

Mal tinham deixado a marca dentro da trincheira, o alemão reconeço imediatamente o bombardeamento.

O morto tinha hedonido. Era como se o houvessem triturado, transformando-o em pasta informe e horrenda.

Alguns soldados que com ele privavam,

Lapas de Gasmão.

(Conclui na página 28)



Soliloquos e Comentários



SE uma pessoa assistisse à maioria dos banquetes de homenagem, mandasse pêsames e felicitações, e concorresse para todos os peditórios que se organizam, não lhe ficaria do ordenado com que comer uma *sandwich*. Também não precisava porque teria uma doença de estômago dos banquetes e uma menin-gite... dos discursos.

O Diabo é a divindade encarregada de executar os juízos de Deus. É o punidor, o seu executor de justiça. Mas os executados não é Deus que os envia são eles que se entregam. E alguns são de tal ordem que o Diabo quando lhes pega é com uma tenaz... para não sujar as mãos.

«DÁDIVAS quebrantam penhas» dizem uns. «As dádivas aplacam os homens e os deuses» dizem outros. E fazem as pessoas gratas.

Quando esperam mais.

«ASSAZ escasso he, quem das palavras tem dó». É verdade. Também a palavra é moeda havendo até quem, como moeda, só a tenha a ela.

O Zé Fernandes das *Cidades e as serras* exclama: «Caramba, bemdito seja o dinheiro!» É o grito da minoria. A maioria do porão da miséria, essa amaldiçoá-o, vitupera-o e na imensidade do seu ódio, se o apanhasse a geito, linchá-lo-ia... gastando-o.

«Quando acertares de ler,
Que houve entre homens união,
O Escripitor a quiz fazer;
Não os pintou como são
Mas como devião ser.»

É de Tolentino e verdade profunda. Os homens só se unem para o Mal, visto que o Bem é seara donde julgam não colher fruto.

ALEXANDRE Herculano chamava ao Convento de Mafra «grande demência e ridicularia de pedra e cal».

Abençoados os tempos em que os homens construíam. Hoje inventam bombas e granadas destinadas a estafar num

dia o que aqueles *ridículos e dementes* fizeram em muitos anos.

«EM Portugal o despotismo é que é moderno, e a liberdade antiga». Façam favor de atentar bem que isto é de Alexandre Herculano e foi escrito há mais de 50 anos.

DEPOIS da guerra criaram várias literaturas inquietas a que não faltam cultores. Uma delas é a da espionagem. Há livros repletos de aventuras umas falsas, verdadeiras outras. Isso cria uma legião de criaturas que ensaiam os seus *trucs* e que acabam por, sem grandeza nem talento irem parar ao Tórel, a contas com um agente que nem sequer conhece de nome a contra-espionagem e os seus *trucs*.

PREGUNTAM-ME se o congresso de gastronomia é um congresso de comilões. Não é. Gastrónomo é o que come como toda a gente e o comilão é um superlativo. Mas escolhe o que come e come com gosto. Vatel que se matou por



ter entrado o bispo no peixe era um gastrónomo, Brillat-Savarin um príncipe da gastronomia e o nosso Eugénio de Castro um grande no assunto. Mas não confundamos. Vatel deu a vida porque o seu brio profissional lhe ditou o sacrificio. Mas quantos não dão a vida por terem toda a vida o peixe porque Vatel se matou?

«DE poetas é sonhar; cai de alto o que alto vóa» escreveu D. João da Câmara. É verdade. É por isso que é perigoso ir para a aviação.

«CADA homem que nasce necessita três coisas: ser inteligente, ser forte e ser belo. Sem inteligência ainda se é feliz. Exemplo, os adidos de embaixada. Sem força ainda se vive. É o caso dos nossos generais. Mas sem beleza, de que serve, oh Deuses, ter visto a luz?»

Escreveu isto Fialho e devia ser assim no seu tempo. Hoje cada homem que nasce necessita de três coisas: ser

mau, ter dinheiro e não ter vergonha. Porque se é de mel comem-no as abelhas, se não tem dinheiro não passa de um pulha pelintra e se tem vergonha nunca chega a engordar. É como no soneto de António Nobre pode o leitor recitar: É isto é assim e não melhora.

DUAS definições de Camilo:

«...Solarengo antigo vinha de *solar*; o moderno vem de *sola*; entre as duas derivações está o *Progresso*.»

«Quando Portugal está a *finar-se*, chamam-se *finanças* as rendas públicas.»

Uma é do *Demonio do Ouro* a outra do *Mosaico e Sylva*.

DIZ um ditado, que quando se zangam as comadres é que se descobrem as verdades. Nada mais errado. Descubrem-se mas é as mentiras. As mentiras com que elas nos intrujaram até se zangarem.

«TRIPA cheia, nem foge, nem pelega.» É por isso que a Fome é mãe de tantas obras primas.

CADA mortal tem dentro de si duas criaturas. Para que uma sinta remorsos é preciso que a outra seja boa. Porque se ambas são más de que é que os hão-de sentir?

«É tão certo ser na actualidade o estô-mago a mola mais importante da máquina social, que não há feito grandioso, acção generosa, apoteose ao merecimento, em que se não coma e beba! Será que as almas entorpecidas, precisam do estímulo alcoólico para se elevarem à altura do merecimento que querem aplaudir?»

Isto também o escreveu Camilo entre 1856 e 1859. Parece de hoje, depois da leitura do *Notícias* ou do *Século*, olhando a notícia dos 4.684 banquetes de homenagem que se dão, por esse país fora, todos os dias.



Albino Forjaz de Sampaio

EXISTE em França uma Associação de Escritores Desportivos, criada por iniciativa de Marcel Berger, e na qual podem apenas ter ingresso aqueles que provem haver praticado um desporto de competição ou publicado um livro de assunto desportivo. A instituição, que reúne elevado número de literatos conhecidos escolheu para seu presidente de honra Rosny Senior, outrora praticante do salto em altura, e é efectivamente presidida pelo conhecidíssimo Tritan Bernard que foi em tempos remotos director de um velódromo e é ainda hoje considerado uma competência em assuntos de pugilismo.

Como a três dos seus associados foram concedidos, no decurso do ano, prémios literários, resolveu a Associação comemorar o facto de maneira condigna e em acôrdo com as suas bases fundamentais; para isso organizou um concurso de atletismo, compreendendo provas várias que, no programa, eram designadas sob o nome de volumes.

O volume primeiro continha o lançamento do péso, um péso de 5 quilos, que Gonnet conseguiu lançar a 11^m,20; este escritor, que tem publicado elevado número de romances desportivos, foi várias vezes internacional em rugby. Na categoria dos veteranos, o vencedor foi Marcel Berger com 9^m,96.

Na prova de saltos em altura obteve o segundo lugar, o último titular do prêmio Goncourt, Jean Fayard, com 1^m,50, resultado muito apreciável. Este concurso registou um curioso incidente, pois um dos concorrentes pretendendo transpôr a barra, num excesso de energia, deu uma joelhada no próprio nariz, que ficou escorrendo sangue.

Jean Fayard distinguiu-se ainda numa partida de tennis, jogada com Paul Vialar contra dois actores conhecidos, e na qual foi o principal agente da vitória.

Estas coisas, vista de Portugal, país mambúcio e praxista, parecem incríveis; no entanto, que admirável testemunho de bom humor, liberdade de preconceitos, franca camaradagem!

Quando haverá no nosso país um club de escritores desportistas, onde todos folguem livremente, sem a preocupação de dizerem mal uns dos outros?

Referimo-nos na última crónica ao curioso incidente suscitado com Paavo Nurmi, acusado de profissionalismo e defendido pela sua federação. As últimas notícias completam as informações conhecidas e colocam a questão num aspecto diferente, mas não menos original.

O conselho dirigente da Federação Internacional não se deu por satisfeito com as respostas da Federação Finlandesa ilibando Nurmi dos actos de profissionalismo que lhe eram atribuídos e resolveu manter a desclassificação que havia pronunciado contra ele.

desportos

A QUINZENA DESPORTIVA

Desta forma a situação actual pode resumir-se assim: Nurmi está autorizado a correr na Finlândia como amador visto que a sua federação nacional o considera como tal e que a situação nacional de Nurmi não poderá ser definitivamente arrumada antes do próximo

sua personalidade preocupa pouco o campeão finlandês, que continua sendo o ídolo dos seus compatriotas e, para distrair, contraiu matrimónio no dia 21 de Maio último, gozando por certo agora uma calma lua de mel, cujo fulgor não devem ofuscar as negras nuvens do seu discutido profissionalismo.

Estes incidentes, o caso Nurmi após o caso Ladoumègue, têm despertado na imprensa de todo o mundo uma campanha contra os actuais regulamentos federativos, antiquados, e pouco compatíveis com a evolução moral do século. Os rigores excessivos das leis do amadorismo têm hoje um ambiente francamente desfavorável, todos aceitando como

justo que o atleta de cartel, agente de lucros alheios, tire proveito material das faculdades que os outros aproveitam com evidentes interesses financeiros.

Esta teoria parece haver feito eco nos altos poderes do atletismo, visto que o presidente Edstrom anunciou para o congresso próximo o estudo e criação de uma categoria especial para os atletas considerados internacionais. A decisão deve ser curiosa.

O problema do amadorismo e profes-

sionalismo está sofrendo actualmente uma evolução profunda. O desporto amador dissocia-se cada vez mais do desporto de competição e as entidades dirigentes decidem-se finalmente a pôr de parte um pudor hipócrita, fora da lei dos tempos, para desassombadamente enveredarem por um caminho mais compatível com a verdade dos factos.

No seu último congresso, realizado em Estocolmo, a Federação Internacional de Football deu sanção oficial à tese italiana, fazendo abolir dos seus regulamentos as palavras amador e profissional para apenas conhecer jogadores de football.

Este critério, muito razoável para quem conhece por dentro o funcionar da complicada máquina desportiva, tende a espalhar-se por todos os campos como o prova uma proposta apresentada pelo presidente da Federação Francesa de Box, Paul Rousseau, ao Comité National des Sports, a entidade máxima do desporto em França.

Baseando-se na necessidade de uma doutrina única em todas as federações oficiais, a fim de pôr termo às práticas imorais que derivam da classificação actual dos atletas em amadores e profissionais, não sendo os primeiros em numerosos casos senão assalariados disfarçados, cuja responsabilidade se deve considerar atenuada pela fraqueza de certos dirigentes que inconscientemente esqueceram toda a moral desportiva, transformando a obra federativa numa agência de espectáculos públicos, Rousseau, argumentando com estes próprios termos cuja rude franqueza deve desagradar a muitos, propõe que em cada desporto passe a haver, em França, uma categoria única de praticantes,



O GRUPO DO CLUB FOOT-BALL OS BELENENSES, CAMPEÃO DE LISBOA EM 1932

congresso de Los Angeles, no mês próximo; mas Nurmi continua interdito pela federação internacional, o que o impede de participar nos Jogos Olímpicos, ou em qualquer outra prova organizada fora da sua Pátria.

Tôla esta cecealha levantada em tórno da



A AVIADORA AMERICANA MISS EARHART QUE, SÓZINHA, ATRAVESSOU O ATLÂNTICO

Todos seriam, indiferentemente, atletas, ciclistas, remadores, pugilistas, jogadores de *foot-ball*, etc., estabelecendo para as competições um plano de igualdade entre os participantes.

O problema, que como disse não constitui novidade foi já resolvido de aproximada maneira pelos italianos, ficou para ser estudado, parecendo-nos ainda demasiado prematura a sua apresentação tão crua; o meio não está preparado para o aceitar, mas lá chegará num futuro próximo destruindo para sempre as sedições teóricas de um amadorismo idealista de que os ingleses têm sido os mais estremes paladinos.

As primeiras manifestações da época de atletismo não têm sido felizes. Tanto os campeonatos escolares como os de *juniores* falharam na sua missão, pois poucos foram os novos elementos escolares concorrentes e, estes, de mediano valor e insuficiente preparação técnica.

Nas escolas secundárias dividiram os louros David Araújo e Cristóvão Cardoso, dois consagrados do Benfica; entre os universitários, outros dois campeões, Mário Pôrto e Adriano Pires açambarcaram os títulos, e o melhor resultado foi obtido pelo lançador de disco Nunes Marques, estudante de medicina, e há uns bons cinco anos representante do Internacional em campeonatos oficiais.

Nos *juniores* todos os melhores vão no seu segundo ou terceiro ano de participação: Silva Marques, lançador de grande futuro, Carlos Barreto, Miguel Penetra, Alvaro Vieira, Vasconcelos, Sheitel Martins, Farinha, Manuel Matos, Duarte, Edmundo Mourinha, estão neste caso.

Como valores novos restam-nos unicamente Manuel Marques, H. Queiroz e Joaquim Lopes. Para balanço anual, o activo é muito pobre.

Um outro ponto que merece ponderação, pela sua importância futura, é o local onde se disputam os concursos. Entendeu a Associação de Lisboa que o arranjo da pista ciclista no Estádio, roubando-lhe três metros exteriores ao espaço habitualmente destinado às corridas, a impedia de organizar no Lumiar as suas provas oficiais. Por outro lado, o *foot-ball* ocupando quasi todos os domingos o Estádio, obrigava a procurar outro campo.

Foi assim que se escolheu o terreno das Salcêias, aproveitando da louvável iniciativa do club proprietário que trabalhava na construção de uma pista em cinza. A decisão associativa fica suficientemente fundamentada com estes argumentos, mas forçoso é reconhecer que falin.

A pista é por enquanto um mito, apenas com uma recta final aceitável, mas o resto pior do que o

Estádio; symptoma mais grave, o público amou e desinteressou-se das provas.

O atletismo não pode viver sem o apoio da assistência que conquistou em muitos anos de trabalho, e precisa atender-lhe os caprichos estabelecendo acôrdo entre as suas necessidades e o desejo dos seus aficionados.

O campo das Salcêias, situado muito fora do habitual rumo das manifestações atléticas, num bairro onde o atletismo não tem raízes porque o club local pouco vale na especialidade,

não oferece por enquanto condições recomendáveis para a organização de desportos estáveis, pois fornece ao público comodidades insuficientes com suas bancadas onde é impossível encontrar um ponto de sombra.

Parece-nos que a A. A. L. deveria procurar, para os seus torneos regionais e para o Pôrto-Lisboa, outro recinto mais simpático ao público do atletismo, se não quere embaraçar-se em sérias dificuldades financeiras e inutilizar grande parte da propaganda conseguida.

O centenário de Goethe, que a Alemanha comemorou como um herói nacional e o mundo inteiro como uma glória da humanidade, provocou por toda a parte as mais variadas informações sobre a vida do grande poeta, perscrutando-se seus hábitos particulares que, triste penhor da celebridade, passam a elementos de domínio público.



GOETHE DEDICOU-SE AO DESPORTO, PRINCIPALMENTE À PATINAGEM NO GÊLO...

Foi assim que soubemos haver sido Goethe um apaixonado do desporto e um beneficiado da cultura física.

Quando criança, era Goethe, embora bem constituído, fraco e delgado. A pesada vida de estudante, em Leipzig, agravada pelos excessos de boémia, foi mal suportada e adoeceu. Regressa a Francfort, sua cidade natal,

onde um médico de bom senso lhe aconselha demorados passeios a pé. Toma de novo gosto pela vida, as forças físicas reaparecem, ao mesmo tempo que voltam a manifestar-se as necessidades intelectuais.

Certo desta verdade, Goethe adopta então o desporto, que pratica durante toda a sua existência. Equitação, esgrima, natação, alpinismo, foram modalidades que cultivou, em larga escala, mas parece que as suas preferências se inclinavam para a patinagem no gelo.

O quadro que reproduzimos apresenta-nos Goethe praticando este desporto, na olimpica atitude de um deus baixado à terra, o que parece agradar sobremaneira à numerosa assistência feminina.

Uma mulher, a americana Miss Earhart, acaba de realizar a travessia do Atlântico num avião que tripulava sozinho, repetindo a proeza que celebrou Lindbergh.

Esta mulher que, ao contrário do que pode imaginar-se pelo *Miss* que a designa habitualmente, é casada com um editor de Nova York e se chama Mrs. Palmer Putman, possui uma energia e uma decisão invejáveis para muitos homens. É já a segunda vez que, pelos ares, transpõe o oceano, da primeira como passageira dos seus compatriotas Gordon e Stutz, e propõe-se realizá-lo outra vez caso o marido a autorize, pois não atingiu ainda o seu verdadeiro intuito, que era aterrar em Paris, repetindo o percurso de Lindbergh, com o qual possui uma estranha semelhança.

O campeonato de Lisboa terminou pela vitória do Belenenses, envolta em mais um lamentável incidente que impedia a realização do jogo final de desempate com o Sporting. Não queremos apreciar os fundamentos do desacôrdo, lamentando-o apenas, e reconhecendo que o título fica em boas mãos pois o Belenenses tem afirmado nestes últimos tempos uma nítida superioridade sobre todos os contendores, incluso o próprio rival desavindo, que esmagou em dois jogos do campeonato nacional.

Parece-nos, contudo, curioso registar que o desacôrdo se estabeleceu agora entre duas colectividades que, no malfadado conflito da Federação, apregoaram a solidariedade, a camaradagem, a comunhão de ideais.

Estamos assistindo a mais uma demonstração de aprêgo mútuo...

Salazar Carreira.



UM CURIOSO LANÇAMENTO DO DISCO, PELO CAMPEÃO UNIVERSITÁRIO NUNES MARQUES.

"FOOT-BALL" INTER-CIDADES

O GRUPO MILITAR LISBOETA VENCEU O LISBOA-MADRID DESTE ANO

O encontro entre os grupos militares representativos das capitais ibéricas, reatado em 5 de Junho corrente no Estádio do Lumiar, não foi uma grande partida nem alcançou junto do público êxito compensador.

Privada este ano do clássico jogo contra a Espanha, o accipe favorito da *afficion* lisboeta, tudo parecia indicar que a multidão apaixonada pelos combates da bola acorreria em massa a presenciar um encontro que tradicionalmente enfrenta os melhores jogadores civis das duas cidades, sem grandes escrúpulos de farda, pois é fácil alegar que se alguns daqueles que para esse fim a envergaram agora são civis, já foram militares.

Estes desafios teem para mais uma tradição de intensa rivalidade, excessiva até algumas vezes, e que deu no passado origem a incidentes lamentáveis dos quais muito sofreu o *foot-ball* português.

Felizmente desta vez as coisas decorreram com normalidade e um ligeiro conflito de arbitragem, prontamente remediado, veio provar que o jogador espanhol suporta pior na adversidade os rigores de uma disciplina militar do que o seu camarada português.

O grupo lisboeta, seleccionado à base do «Belenenses», apenas com três substituições, venceu nitidamente por 4 bolas a 2, mas não deu brilhante conta de si.

Durante a primeira parte os espanhóis, jogando a favor do vento, dominaram com insistência, marcando, por felicidade, apenas um ponto.

Os lisboetas lisbonenses, desorientados pela saída de Augusto Silva, que se magoara, não conseguiam ligação suficiente para impôr aquela toada de jogo que lhes assegurou o successo nos últimos encontros de campeonato.

Quando a confiança começava fraquejando, o grupo logrou o empate e a coisa recompôs-se. O adversário

acusou o choque e perdeu combatividade; o jogo decaiu em monotonia, que se prolongou durante toda a fase inicial do segundo tempo. Dir-se-ia que, de lado a lado, existia uma completa incapacidade de forçar a decisão.

A insuficiência espanhola serviu para criar nos nossos representantes uma confiança crescente e, após o primeiro quarto de hora, reapareceu, em lampejos primeiro, com maior ligação depois, a maneira característica do jogo belenense e os portugueses construíram sólidamente a sua vitória. Um após outro marcaram dois *goals*, ambos perfeitos de técnica e decisão, aos quais se juntou, no declinar da partida, um outro que elevou o *score* a 4-1. Esse devia ser o resultado justo do encontro, se não fora um lance infeliz do nosso guarda-redes que forneceu êle próprio novo ponto aos visitantes.

O trabalho do grupo lisboeta não foi, como já dissemos, feliz; a desorientação da linha média após a saída de Augusto Silva, em constantes recomposições, deve ter influido poderosamente na desorientação e incapacidade ofensiva do primeiro tempo. Quando lhe deram uma composição definitiva o rendimento melhorou de seguida e, se melhor êxito não alcançou, isso se deve à insuficiência do trio central de ataque, em tarde de má inspiração.

Os espanhóis esforçaram-se pouco e reagiram fracamente quando a derrota se desenhava com mais clareza; o seu mais forte compartimento era a linha de ataque, a qual afirmou



O NOSSO GUARDA-REDES CARLOS SILVA NUMA MAGNIFICA DEFESA

excelente entendimento, ressentindo-se no final da falta do interior esquerdo, expulso pelo árbitro.

O ambiente que estes encontros entre seleções militares teem gerado à volta das arbitragens, que nos últimos dois anos foram positivamente escandalosas, não era propício ao trabalho do director de jogo. Os espanhóis entraram para o campo desconfiados e por isso algumas decisões, embora justificadas, não foram recebidas com indispensável serenidade. No entanto a acção do árbitro, embora não isenta de pequenas deficiências, foi em absoluto imparcial e em nada influiu no resultado verificado no encontro.

S. C.



EM CIMA: UMA FASE DO ENCONTRO, VENDO O ÁRBITRO SR. SILVESTRE ROSMANINHO. EM BAIXO: AS DUAS «EQUIPES» ALINHADAS



O novo governo francês

O sr. Herriot vem de formar ministério, como resultante da crise política verificada na França após as eleições.

Para destacar são as suas declarações no momento em que assumiu a chefatura do governo, e que dizem respeito ao dever que a si próprio se impôs de agir imparcialmente, sem paixões políticas e sem preocupações pessoais. Há a considerar ainda a relativa rapidez com que o sr. Herriot formou ministério, e a opinião geral em França é que o novo ministério reúne uma pleiade de homens de indiscutível competência eleitos sem incidentes e permeio uma tranquilidade que os jornais classificaram de simbólica.

Consciente da boa impressão que o facto havia de suscitar no estrangeiro, o sr. Herriot disse que esperava também que do estrangeiro lhe não regatassem uma boa colaboração.

O palácio dos soviets

PARA o local deixado livre após a demolição da Catedral do Redentor em Moscovo, destinam na Rússia a edificação de um grande palácio, espécie de Templo do Trabalho, para cujo projecto a U. R.



S. S. acaba de abrir concurso a que acorreram architectos russos e americanos. Um dos projectos aprovados, premiado com 12,000 rublos e classificado *ex-aequo* juntamente com outro do russo Jeloski, é este que apresentamos aos nossos leitores, original do architecto americano G. O. Hamilton. Foram distribuídos outros prêmios de dez, cinco e três mil rublos respectivamente.

O novo ministério japonês

MOSTRAMOS a gravura o visconde de Saito, acompanhado de sua esposa, que, como se sabe, constituiu no Japão um novo ministério sob a sua presidência, publicando um bem elaborado programa governamental



ao que os jornais fizeram referência e do qual se destaca um notável estreitamento de relações

a efectuar por meio de um tratado comercial entre Portugal e o Japão.

Uma parada de feridos

DIANTE do templo budista de Shokonsha realizon-se, recentemente, uma impressionante



parada. Nelá tomaram parte todos os feridos, convallescentes, do último conflito sino-japonês ali reunidos para agradecerem às divindades o haverem escapado a uma morte quasi certa. O templo de Shokonska é dedicado a Kwannon, deusa da misericórdia.

Resta saber que impressão teria produzido esta peregrinação no ânimo dos delegados da China e do Japão que em Changai tanto têm parlamentado acerca da paz...

Pelo mundo das letras

NA nossa gravura vêem-se dois dos autores mais lidos e mais festejados, presentemente, no estrangeiro: a escritora alemã Vicki Baum, autora do grande successo internacional *Grand Hotel*, e Christopher Morley, que



marcou no mundo literário com o seu belo romance *Swiss Family Manhattan*. Ambos eles foram apanhados pela objectiva fotografica quando se ofereciam mutuamente as suas referidas obras.

Um documento significativo

O instantâneo que publicamos apresenta-nos o ex-kronprinz da Alemanha, acompanhado pelo marechal von Mackensen, à direita, e pelo general von Seeckt, à esquerda, assistindo em Breslau à passagem em continência do núcleo militarista dos «Capa-



netes de Aço». Presta-se a fotografia a longos comentários, no

A expedição trans-asiática...

...levada a efeito com automóveis da marca «Citroën», tem continuado na sua vitoriosa marcha por estradas e caminhos, fora de toda a crítica, provando excelentemente a qualidade do material empregado e fazendo uso exclusivamente da gasolina e dos óleos da



Vacuum Oil Company. A fotografia que publicamos representa um acampamento estabelecido por essa mesma expedição no Hindi (Racaputehi), a 7,700 metros de altitude.

PELO MUNDO FÓRA

entanto deia claramente se desprende que o filho mais velho de Guilherme II ainda se não desinteressou pelo seu divertimento predilecto: brincar aos soldados... apesar dos seus cinquenta anos já feitos!

Bom humor alheio

—Tens a cabeça furada, Luis?
—Eu? Não! Mas porquê?
—Porque tens os ombros cheios de serradura...

(Da Die Woche).

Conclusão filosófica



O GUARDA DA PRISÃO DEPARANDO COM A CELA DO PRISO VASIA:
—HEM! DEJA ME PARECIA QUE O MALANDRE NUNCA SE SENTIU COMO SE FOSSE EM SUA CASA, AQUI DENTRO!

(Célula caricatural de Thomas, no «Sketch», acerca da reforma inglesa do regime prisional que visa regenerar os presos levando-os a scullarem-se bem dentro das prisões).

PELO MUNDO FÓRA

James Simon

EM Berlim acaba de falecer o notável coleccionador de objectos de arte e filântropo, James Simon, a quem os museus



alemães e principalmente o Museu do Imperador Frederico muito e muito devem. Simon faleceu em circunstâncias precárias, quasi octagenário, sem prestar atenção aos conselhos dos seus amigos que lhe recomendavam que olhasse para a sua situação e se não arruinasse pelo prazer de fomentar a arte e fazer o bem aos necessitados da Alemanha.

Política alemã

A demissão do gabinete do chanceler Baenning, foi a pequena porta lateral que se abriu aos partidos conservadores



alemães para a sua subida ao poder.

O actual ministério alemão é um verdadeiro cartaz aristocrático, em que abundam as preposições von, tendo, oficialmente, a característica declarada de governo de concentração nacional.

É presidente deste ministério e, simultaneamente, chanceler do Reich, o sr. Franz von Papen, ex-official do 5.º regimento de Ulanos da Prússia, ex-adido mi-

litar no México, Estados Unidos e na Turquia, cujo retrato acompanha estas linhas e cuja personalidade tem sido bastante discutida.

Foi com franco cepticismo que a opinião pública mundial, quasi que em maioria, assistiu à subida do gabinete von Papen ao poder. Abstendo-nos de quaisquer comentários que não interessam uma publicação como a nossa, limitamos esta notícia à verdade dos factos sem que, contudo, nos possamos esquivar a compreender a desconfiança pública quando, a pouco mais de oito dias no poder, o ministro do Interior, von Gayl, no seu primeiro discurso, declarou abertamente que o melhor regime para a Alemanha seria a monarquia e que a sua simpatia pessoal a dedicava, muito particularmente, aos von Hohenzollern...

Um leiteiro habilidoso

O sr. A. J. Jeffrey, que possui em Bernonsdey uma bem afreguesada leitaria — passe o reclame! — dedica-se, nas horas



vagas, a pintar quadros, um dos quais já foi adquirido pela municipalidade de Londres. Eis aqui o seu retrato.

Em Los Angeles

Não podia mesmo deixar de ser em Los Angeles... o local onde foi obtida esta curiosa fotografia que nos apresenta uma fase do campeonato de saltos em altura entre cães excelentemente amestrados. A-pesar de sabermos que estes animaizinhos nada



mais fazem senão repetir aquilo que lhes ensinaram, não podemos deixar de considerar excelente e delicioso este pouco vulgar documentário fotográfico.



O caso do dia

A sensação produzida pelo vôo transatlântico de Mrs. Amélia Eahrt-Putman fica arquivada nestas columnas por este instante obtido momentos depois da sua chegada a Springfield, na Irlanda.

Nova ascensão à estratosfera



o mundo, o relato circunstanciado da horrível catástrofe do transatlântico *Georges Philippar*, que o nosso instantâneo reproduz na sua chocante realidade.

Pelo Mundo do teatro

MARGARET KAM, cuja beleza particular resalta da fotografia junta, é uma jovem actriz chinesa que foi educada na Escola Normal de Honolulu, nas



PICCARD dispôs-se a realizar uma nova ascensão à estratosfera. Actualmente, em Bruxelas, demonstrou ao rei da Bélgica o funcionamento do seu original sistema.

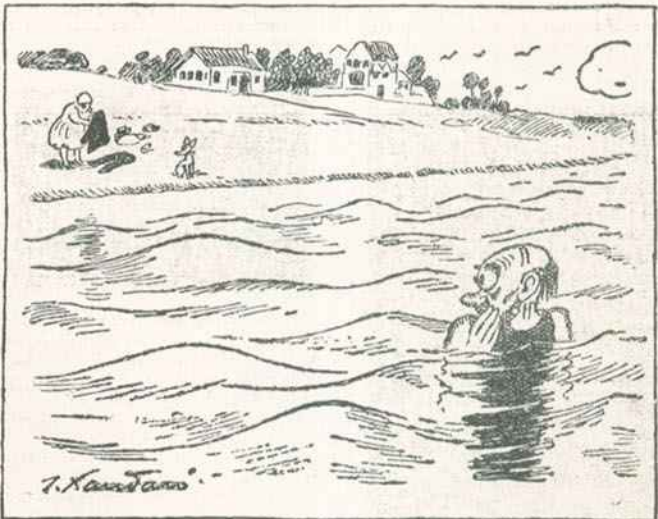
Uma terrível catástrofe



ilhas Hawaii, e que com extraordinário sucesso ali debutou, interpretando magistralmente o papel de «Julietta» da clássica obra de Shakespeare.

Foi assunto de palpitante interesse para os jornais de todo

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



NUMA PRAIA DA COSTA HOLANDESA: — CRUS! LÁ ESTÁ A MINHA MULHER, OUTRA VEZ, A DAR VOLTA ÀS ALGIBEIRAS DO MEU PAPO... PARECEME QUE O MAIS ACERTADO QUE TENHO A FAZER É INTENTAR, IMEDIATAMENTE, UMA TRAVESSIA A NADO DO CANAL DA MANCHA... (Do Nublarec do A. B. C., Madrid)

Actualidades

O morteiro pesado

(Continuação da pág. 21)



OS PORTUGUESES DO BRASIL. — CHEGOU HÁ DIAS A LISBOA, A «PRINCESA» DA COLÓNIA PORTUGUESA NO BRASIL, SR.^a D. AMÉLIA BORGES DA CÂMARA DE MEDEIROS, QUE JÁ HAVIA SIDO «RAINHA DE BELEZA» DOS AÇORES. PROCEDEU A VIAGEM DA «RAINHA», QUE DEVE CHEGAR DEPOIS DE AMANHÃ, ACOMPANHADA DE ALGUMAS CENTENAS DE PORTUGUESES, QUE VEM A PÁTRIA-MATAR-SAÚDE. NO DIA DO CELEBROU-SE EM TODO O BRASIL O «DIA DA COLÓNIA PORTUGUESA». NO GABINETE PORTUGUÊS DE LITTEIRA DO RIO DE JANEIRO FORAM RECEBIDOS MILHARES DE TELEGRAMAS. A NOSSA GRAVURA REPRESENTA A CHEGADA AO TEJO DA SR.^a D. AMÉLIA BORGES RODRIGUES, ACOMPANHADA DAS PESSOAS QUE A FORAM CUMPRIMENTAR A BORDO DO «ALMIRANTE ALEXANDRIA»



GAGO COUTINHO — O ALMIRANTE GAGO COUTINHO, QUE CHEGOU HÁ DIAS DE ROMA, ACOMPANHADO DO TENENTE-AVIADOR MANUEL GOUVEIA, FOI ALVO, DURANTE O CONGRESSO TRANS-OCEÂNICO QUE REÚNIU NAQUELA CIDADE, DAS MAIORES PROVAS DE CONSIDERAÇÃO E DE CARINHO. OS JORNALIS CONSSAGRAM PALAVAS DE ADMIRAÇÃO E SIMPATIA PELO GRANDE AVIADOR E O PRÓPRIO MINISTRO BALBO — QUE HÁ MENOS ESTEVE EM LISBOA — FEZ, NUM DOS ARTIGOS QUE PUBLICOU NO «POPOLO DI ITALIA», UMA ENTUSIASTICA REFERENCIA AO GLORIOSO PASSADO DOS DESCOBRIDORES PORTUGUESES E DO ALMIRANTE GAGO COUTINHO. A NOSSA GRAVURA MOSTRA-SOIS O EMINENTE SARGO PORTUGUÊS, AO LADO DO MINISTRO BALBO, DEPOIS DUM BANQUETE OFICIAL

puderam reconhecê-lo pelas botas e por um pedaço do uniforme.

Cobriram-no com uma manta, e, em seguida, os maqueiros erguendo a maca aos ombros, avançaram pela trincheira de comunicação, caminhando devagar, silenciosos, como se receassem acordar o morto.

Entretanto, o inimigo acompanhava-os passo a passo, com granadas e morteiros que estrondeavam terrivelmente, e eles, imperturbáveis, marchavam sem pressa, levantando muitas vezes, acima do terreno, para poderem acompanhar as voltas da trincheira, o mesquinho ataúde onde caminhava a morte.

Herminio e os seus soldados, a alma angustiada e o coração amarfanhado de amargura e dôr, quedavam-se, a contemplar em silêncio, da primeira linha, aquele desfilar macabro, por entre o ruído da metralha.

O cortejo ia já longe, quando surgiu, em frente de Herminio, uma ordenança da companhia, cansada e ofegante, transportando um papel que lhe apresentava na ponta dos dedos. Lusitano abriu e leu. Leu o seguinte: «Determina-se que os soldados em primeira linha engraxem e encebem com frequência o seu calçado; ficando responsáveis os comandantes de pelotão pela não observância desta ordem.»

Herminio encarou a ordenança e soltou uma gargalhada nervosa, convulsa. E virando-se para os soldados, clamou, sarcástico e indignado:

— Eh! rapazes, mostrem-me esse calçado! Essas botas, que andem bem engraxadas e bem limpas, para serem dignas de pisar estes salões! Assim o querem os nossos senhores!

E amarrotando o papel idiota, arremessou-o ao chão, furioso.

Voltando-se para a ordenança, espantada, disse, sereno, numa serenidade que mal disfarçava a indignação que lhe refervia na alma:

— Vai dizer ao nosso capitão, para o transmitir imediatamente a esses senhores alarmados que nos comandam lá de trás, vai-lhe dizer que aqui, neste pelotão, todos os soldados cuidam com esmero do seu calçado, o engraxam, o encebam e o limpam todos os dias, e que o meu maior cuidado e preocupação, aqui, na primeira linha, é vigiar e fiscalizar esse serviço. Vai.

A ordenança partiu.

O drama da véspera começava.

Lapas de Gusmão.



CONCURSO HÍPICO — DECORREU BRILHANTÍSSIMO O BANQUETE EM HONRA DOS OFICIAIS ESPANHÓIS QUE COMPUNHAM A «EQUÍPO» DO PAÍS VIEIRO, OPERANDO «PRA SOCIEDADE PROPAGANDA DA COSTA DO SOL». PRESIDIU O SR. GUILHERME CARVALHO, PRESIDENTE DA DIRECÇÃO DAQUELA SOCIEDADE, QUE DAVA A DIREITA AO SR. EMBAIXADOR DE ESPANHA E A ESQUERDA AO CHEFE DA «EQUÍPO» HÍPICA ESPANHOLA. ASSISTIRAM TAMBÉM OS SRS. ENCARREGADO DE NEGÓCIOS, CONSELHEIRO DA EMBAIXADA, ADIDO MILITAR, CONSUL GERAL E RESPECTIVAS ESPOSA, O NOSSO ADIDO MILITAR EM MADRID, OFICIAIS DAS «EQUÍPO» HÍPICA E DE «FOOT-BALL», OFICIAIS AS ORDENS E ESPOSA, MARQUÊS DO FUNCHAL, CAPITÃO IVENS PEREIRA, DR. JOSÉ PONTES, JOSEPH-NUNES ERÉTHA, ARMANDO VILAR, VIRGÍLIO SOARES, AUGUSTO PINA E OUTROS. O SR. GUILHERME CARVALHO, PRONUNCIOU UM ELEGANTE DISCURSO, RESPONDENDO-LHE O SR. EMBAIXADOR, AGRADECIMENTO DO BRILHANTÍSSIMO DA RECEPCÃO E PROPONDO ELOGIOSAS PALAVRAS ACERCA DA BELA OBRA QUE SE ESTÁ FAZENDO NO RESTAUR. EM SEGUIDA O BANQUETE REALIZOU-SE UM BAILE, DANÇANDO-SE ANIMADAMENTE ATÉ DE MADRUGADA.

Concurso Fotográfico entre amadores
organizado pela ILUSTRAÇÃO



195 — PEDINDO AUXÍLIO — (Foto da sr.^a D. Hermínia Correia Pires — Viseu)



198 — ILHEU DA PONTINHA — (Foto do sr. P. Fernandes — Funchal)



201 — ANOITECER — (Foto do sr. Manuel Augusto Vaz — Porto)



196 — ORAÇÃO DA MANHÃ — (Foto da sr.^a D. Maria Rosalina Moreira — Lisboa)



199 — SALINEIRA DE AVEIRO — (Foto do sr. Manuel Abreu — Coimbra)



202 — CLAUSTRO DA SÉ CATEDRAL — (Foto do sr. António Albuquerque — Porto)



197 — FALTA UMA CÔRÇA — (Foto do sr. Reis Gonçalves — Lisboa)



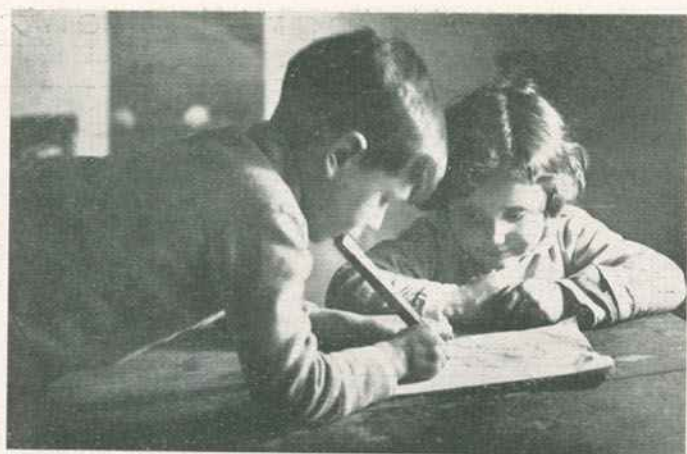
200 — AS GAVIOTAS — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



203 — SÉCULO DE LEITURA — (Foto do sr. Cândido Ferreira dos Reis — Estoril)



204 — PRIMAS E TUBULENTAS... — (Foto do sr. D. Hermínia A. C. Pires — Vila Rica)



207 — APLICADOS... — (Foto do sr. Mário Silva — Vila Rica)



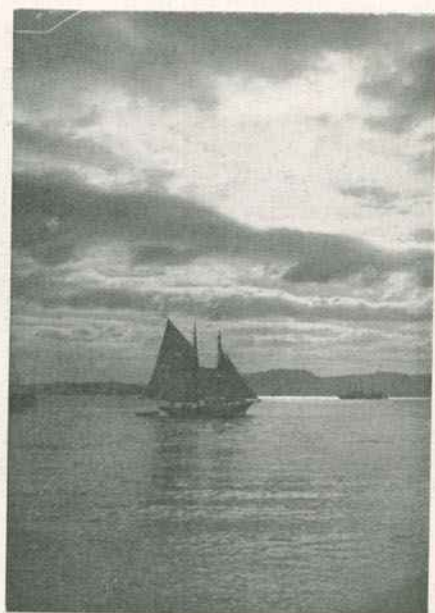
210 — INOCÊNCIA — (Foto do sr. J. A. Gato — Mafra)



205 — VOLTA DO MERCADO — TOMAR — (Foto do sr. Cornel Azavejo e Silva — Lisboa)



208 — PAUVRE MINET!... — (Foto da sr. D. Hermínia A. C. Pires — Vila Rica)



211 — LUAR NO TEJO — (Foto do sr. Carlos G. de A. Loureira — Lisboa)



206 — VÍCIO PRÍCOCE... — (Foto do sr. António Silva Salavida — Castelo Branco)



209 — LENDO CAMILO... — (Foto do sr. César da Costa — Chaves)



212 — A SOMBRA... — (Foto do sr. Eduardo Ferreira Duque — Vila Nova de Gaia)



213 — RECITAÇÃO? — (Foto do sr. Cândido Ferreira dos Reis — Estoril)



217 — FÁ — (Foto da sr.ª D. Maria Rosalina Moreira)



219 — JARDINAGEM — (Foto do sr. Cândido Ferreira dos Reis — Estoril)



214 — NOITE DE LUAR NO TIJO — (Foto do sr. J. M. — Lisboa)



220 — AO ABRIR DA REDE — (Foto da sr.ª D. Maria Fernanda Ramalho — Praia de Laves)



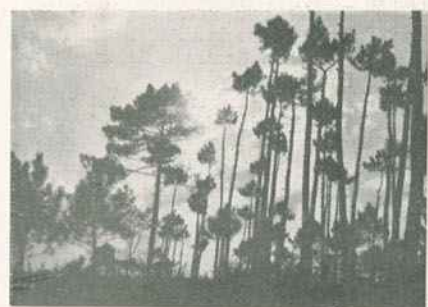
215 — ESTUDANTES DE COIMBRA — (Foto do sr. José de S. Brandão — Lisboa)



218 — A CARIOLHA MATEMÁTICA — (Foto do sr. Silveiro Pinto — Lisboa)



221 — TRÊSIO DE SINTRA — (Foto do sr. João Rosa — Lisboa)



216 — PÔR DO SOL — (Foto do sr. José de S. Brandão — Lisboa)

Aos concorrentes:

Temos em nosso poder cerca de mil e com provas fotográficas que serão publicadas até dezembro.

O sorteio para os prêmios — que são numerosos — far-se-ha, conforme se anunciou, pela **Lotaria do Natal**. Entre eles destaca-se um esplêndido **Cine-Kodak** que será o 1.º Prêmio de Originalidade e Perfeição. Haverá ainda outro 1.º Prêmio, chamado **Prêmio da Sorte**, para a fotografia, cujo número de publicação seja igual aos três algarismos finais do número contemplado com a Sorte Grande.

VIDA ELEGANTE



Franco Frazão, D. Maria Luiza de Magalhães Coutinho da Câmara, D. Ester Guimarães de Magalhães Coutinho, D. Maria da Piedade de Castelo Branco (Belas), D. Eugénia Franco Frazão (Penha Garcia), D. Elisa Otolini de Travassos Valdez (Bomfim), D. Maria Adelaide Portocarrero da Câmara Mesquita, etc.

E os srs.: Marquês de Belas, Conde de Penha Garcia, Conde de Vinhó e da Almeida, Conde de Bomfim, Conde de Vilar Maior, dr. Eduardo de Castro e Almeida, Carlos Quintela, Manuel Alves Diniz, Simão Trigueiros de Martel, dr. Pedro Franco Frazão (Penha Garcia), Paulo Correia de Lacerda, D. Justino de Vilhena (Ferreira do Alentejo), Prior das Mercês, D. António de Portugal e Castro, D. Cactano Zarco da Câmara (Ribeira Grande), dr. José de Almeida Araújo, Joaquim Valdez, Albano de Vilhena Magalhães Coutinho, Carlos Figueira Freire, Alfredo Valdez, José Luiz de Moura Borges, João Franco Frazão (Penha Garcia), José Cordovil, João Filipe Trigueiros de Martel, José Coelho de Pacheco, Luiz da Câmara Pina, José Fervereiro, Ruy Quintela Emauz, José e Manuel de Castelo Branco Alves Diniz, Salvador Supardo Coelho de Jesus, Carlos de Vasconcelos e Sá, etc., etc.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas e artísticas prendas, as quais

A SR.^ª D. MARIA DA PIEDADE VALDEZ PENALVA (PENALVA D'ALVA) E O SR. DR. JOSÉ DE VILHENA DE ALMEIDA E VASCONCELOS, POR OCASIÃO DO SEU CASAMENTO, REALIZADO EM CAPELA AMADA NA RESIDÊNCIA DO PAI DA NOIVA, SR. CONDE DE PENALVA D'ALVA

Casamentos

Em capela armada em uma das salas do palacete do sr. Conde de Penalva d'Alva, à Praça do Rio de Janeiro, realizou-se, com brilhantismo, o casamento de sua gentil filha D. Maria da Piedade com o sr. dr. José de Vilhena de Almeida e Vasconcelos, filho da sr.^ª D. Mónica de Vilhena de Almeida e Vasconcelos e do sr. dr. Fernando de Almeida e Vasconcelos, ilustre coronel de artilharia e professor.

Foram madrinhas as sr.^ªs D. Eugénia de Castelo Branco Alves Diniz e D. Eugénia Franco Frazão (Penha Garcia), respectivamente tia materna e prima da noiva, e padrinhos o pai e o tio materno do noivo sr. D. João de Vilhena (Ferreira do Alentejo).

Celebrou o acto religioso o reverendo prior das Mercês, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua bênção. Terminada a cerimónia religiosa, foi servido, no salão de mesa da elegante residência, um finíssimo lanche da «Garrets», partindo os noivos depois no seu automóvel para a quinta do pai da noiva, na Beira Baixa, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para o estrangeiro.

Na assistência à cerimónia vieram-se as srs.^ªs: Condessa de Vilar Maior, D. Sofia de Castelo Branco e Almeida e filha D. Emília de Castelo Branco Quintela, D. Eugénia de Castelo Branco Alves Diniz, D. Maria Emília Infante da Câmara Trigueiros de Martel, D. Júlia e D. Maria Inácia de Castelbranco, D. Fanny de Vilhena, D. Maria Francisca de Castro



CASAMENTO DA SR.^ª D. MARIA JÚLIA POUSSÃO PEREIRA DE FIGUEIREDO, COM O SR. FRANCISCO HORTA E COSTA DE VASCONCELOS. OS NOIVOS SAINDO DA IGREJA

OS NOIVOS, SR.^ª D. MARIA LUIZA ABOIM E O SR. ANTÓNIO DE SOUSA SANTOS, CUJO CASAMENTO SE REALIZOU NA PAROQUIAL DE S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA, NO DIA 9 DO CORRENTE

estavam em exposição em uma das salas da aristocrática residência.

—Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^ª D. Maria Júlia Pousão Pereira de Figueiredo, interessante filha da sr.^ª D. Maria Júlia Pousão Pereira de Figueiredo e do sr. Eduardo Augusto de Figueiredo, com o sr. Francisco Horta e Costa de Vasconcelos, filho da sr.^ª D. Maria da Glória Horta e Costa de Vasconcelos e do sr. Francisco Paula de Carvalho Vale de Vasconcelos, já falecido.

Serviram de madrinhas a irmã da noiva, sr.^ª D. Maria Eduarda Figueiredo Horta e Costa e a mãe do noivo e de padrinhos os srs. desembargador dr. Luiz Maria Horta e Costa e dr. Sebastião Maria de Sousa Horta e Costa, tio e avô do noivo. Finda a cerimónia religiosa foi servido um finíssimo lanche.

—Com grande brilhantismo realizou-se, na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^ª D. Maria Luiza Aboim, gentil filha da sr.^ª D. Georgina Gomes Moreira e do falecido sr. Visconde de Idanha, com o sr. António de Sousa Santos, filho da sr.^ª D. Maria Nahmon de Sousa Santos e do sr. José de Sousa Santos.

De madrinhas serviram as sr.^ªs D. Alda de Aboim Malheiros, irmã da noiva, e D. Maria Antónia de Sousa Santos, irmã do noivo, e de padrinhos os srs. capitão Carlos Malheiros, cunhado do noivo, e João de Sousa Machado, irmão da noiva.

Na ocasião da saída dos noivos da igreja um avião, tripulado pelos srs. capitães Tartaro e Viegas, lançou um ramo de flores, acompanhado de uma mensagem de felicitações.

...Vida Feminina

A mulher portuguesa é como mãe de uma dedicação extraordinária, capaz dos maiores sacrifícios, de uma abnegação completa, mas na maioria de uma ignorância absoluta da maneira como se criam e educam crianças. A higiene os exercícios físicos, que tanto preocupam as mães de mais adiantados países, merecem-lhe o mais completo desprezo. A sua ternura manifesta-se em beijos, carícias, agasalhos exagerados e em dar de comer exageradamente às crianças. De resto na vida da criança não há a menor ordem, vive com as pessoas crescendo e como os adultos. Na idade em que a criança precisa de estar à vontade, em que o seu delicado cérebro precisa de maior descanso, é martirizada com carícias, é apertada, beljada, a mãe diz-lhe coisas extraordinárias, que ela não compreende; mais tarde quando tem a idade de compreensão é muitas vezes tratada aos repêlões, justamente quando a sua sensibilidade sentimental necessita ser cuidada, tratada, acarinhada, nessa altura as contrariedades, que a mãe sofre recaem de recochete nas crianças, formando assim caracteres irritáveis e de um atroz nervosismo. Mas isto ainda não é tudo. Há mais e pior as crianças são levadas a todos os es-



tá-
culos
sem o
menor es-
crúpulo de
escolha, o que é

do mais prejudicial efeito para o seu moral e sem a preocupação das horas, o que redundará em prejuízo do físico. Há cinemas que acabam à uma hora da madrugada e mesmo à uma e meia; são frequentísimos por crian-

ças, e o que se torna verdadeiramente criminoso, algumas desfazendo-se em tosse convulsa. No entanto se se dissesse à mãe que leva uma criança nesse estado para um lugar público à noite, que é uma criminosa revoltar-se-ia e acharia que a estavam julgando com injustiça. No entanto essa mãe para não se sacrificar, ficando em casa, expõe a criança a uma pneumonia mortal, e, expõe a um contágio cujas consequências se não podem prever, as crianças, que outras mães inconscientes levam a espetáculos impróprios e a horas em que a criança deve dormir, um descansado sono. Num desses cinemas vi uma pequenita de quatro anos, de aspecto excitado e espevitado, que fazia a delícia de todos e que me causou profundo dó, a certa altura a mãe triunfante, perguntava em voz alta, alardeando o desenvolvimento da menina «Tens sono? Não! pois devias ter ontem deitaste-te às quatro horas da manhã. Custou-me a conter para não dizer a minha revolta, a essa mulher tão profundamente inconsciente, que não era do povo, que pertencia a uma certa classe; que nos outros países, já tem noções civilizadas do que é criar uma criança, e que estava fazendo gala do crime que estava cometendo, fazendo passar noites em claro, para não se privar de divertimentos, a um entesinho indefeso, que tem a infelicidade de estar entregue a uma ignorante, que lhe está preparando uma vida desgraçada, com o sistema nervoso arruinado e sem educação alguma. Ser mãe é uma grande responsabilidade e o carinho de uma mãe não se deve manifestar por beijos e carícias, mas sim por um sacrifício dos seus divertimentos pela saúde das crianças, e, pelo seu bem estar. A criança tem de ter a maior regularidade de horas, tem de ser tratada como uma delicada planta, que se está desenvolvendo, é necessário dar-lhe uma alimentação racional, sem exageros de abundância, mas com as condições que require, fazer a criança apanhar ar puro e sol em abundância, evitar levá-la a salas fechadas, sem ar, onde se acumulam

muitas
pess-
soas



e onde a atmosfera está viciada e cheia de micróbios. É necessário dar-lhe todo o conforto, fazê-la fazer exercícios que a desenvolvam e sobretudo respeitar-lhe o sono e o repouso que devem ser sagrados, porque é durante o sono que a criança se desenvolve e que repousando se fortifica. As mães não devem nunca esquecer isto e nunca sacrificar a saúde dos filhos às suas distrações.

Maria de Eça.

Modas

A moda tende a variar muito esta estação, sobretudo nas mangas, que de lizas e justas, que até aqui se têm usado se estão transformando em volumosas e guarnecidas. Usa-se de novo a manga de presunto, usam-se nos vestidos leves as mangas de balão e usam-se ainda as mangas justas em cima e largas em baixo guarnecidas numa grande variedade. Damos hoje um interessante modelo em georgette preto e branco de uma grande elegância e a que a gola e as mangas dão uma grande frescura e graça. Essa gola e a guarnição das mangas são feitas em georgette branco, em tiras ondedadas cortadas a geito. Dão um aspecto leve e gracioso ao vestido essas guarnições de uma grande distinção. Torna-o também muito moderno o cinto em setim preto que de uma maneira muito graciosa ajusta ao corpo o georgette preto. Completa-o um gracioso chapéu em setim e palha.

Penteados

CONTINUA a indecisão entre o cabelo curto à garçonne e o cabelo um pouco mais comprido, e, armado em caracóis. Os cabeleiros continuam a afirmar a volta do cabelo muito curto, mas as graciosas parisienses apresentam-nos as suas louras cabeças, com penteados complicados, em largas ondulações, franjas frisadas, e, caracóis. Damos hoje à apreciação das nossas leitoras, um lindo modelo de penteado, que garante admiravelmente um belo rosto. No entanto repetiremos sempre o que já tantas vezes temos dito, o que é sobretudo necessário, é escolher o penteado, que favorece, e, que nos fica bem, embora seguindo um pouco o que a moda indica. Há senhoras de rosto miúdo a quem as grandes cabeleiras não favorecem. Essas senhoras devem manter o uso do cabelo mais

curto e do penteado simples. A moda deve servir para nos embelesar e não para nos desfigurar.

Vestido de baile

DAMOS hoje um lindo modelo de vestido de baile de um aspecto muito jovem e de uma grande novidade, no conjunto que forma, com o ensaquinho que o acompanha. O vestido em *crêpe* branco, muito espesso e trabalhado de incrustações nas ancas. O corpo ligeiramente franzido é decotado em bico na frente, e, o cinto ata também na frente. O decote das costas é curiosamente trabalhado. Duas tiras, armadas em *torsade*, atadas nos ombros, vêm atar na cintura. O bolero no mesmo tecido, de mangas compridas apertadas nos pulsos e alargando para se ligar às costas é todo bordado em contas de cristal branco. É gracioso vêr como as mangas desse bolero, têm a linha *kimono* há tanto posta de parte na grande elegância. Mas as nossas leitoras não se admirarão do gracioso aspecto deste modelo, de um *chic* tão simples, quando souberem que é um modelo de Miraude, a antiga casa Doucet, de tão gloriosas tradições na alta elegância de Paris.

A mulher na arte

JÁ há em Portugal senhoras, artistas que honram a arte portuguesa. Entre elas podemos contar Maria Adelaide Lima Cruz a jovem pintora, que em cada exposição que faz, mais alto afirma o seu talento. O que é a sua última exposição toda Lisboa, que pela arte se interessa, o sabe porque a sala onde expõe esteve sempre concorridíssima. Esta sua exposição é encantadora, não só pela técnica, pelo desenho pelo colorido, mas também pela fantasia e pela imaginação, que nos revelam as suas 22 interpretações dos prelúdios de Debussy. Tem nesses vinte e dois pequenos quadros, sintetizada a sua bela imaginação, que soube com a sua alma de artista, por assim dizer, plasticisar, o que ouve. Há alguns quadros maravilhosos. *Des pas sur la neige* faz-nos sentir a nostalgia da felicidade que passa na vida, que desaparece e não volta mais. *Ce qu'a vu le vent d'ouest* torturamos com as rabanadas de vento que desgrenham a natureza. *Brouillards* é a tristeza calma, que um farol animador tenta colorir. *La puerta del vino* tem a vida, a animação o característico espanhol. *Ondine* é também um belo quadro, como belos são todos êles. Apesar de ser de um homem a escultura, que acompanha a sua exposição e não ter nesta secção cabimento uma referência, não podemos deixar de falar em António da Costa cuja escultura forte e bem pessoal, se harmonisa lindamente na sala de exposição, com os quadros de Maria Adelaide. Não se pode imaginar um mais artístico conjunto e é na verdade consolador vêr como temos em Portugal senhoras que nos dão a satisfação de honrar as artes com o seu talento e com um conhecimento profundo da arte que cul-

tivam. Maria Adelaide, que é uma rapariga encantadora de simpatia, merece a admiração de todas nós porque é uma verdadeira artista o que não admira porque nasceu e vive numa família de artistas.

O celibato

Os celibatários nunca tiveram uma boa imprensa. Em todas as antigas legislações, se encontram medidas para combater o celibato e, favorecer a criação de novas famílias. Disse-se sempre que a maior desgraça para o homem é que a sua descendência acabe. O célebre discípulo de Confúcius: Neugste disse: «A coisa pior que existe é não deixar descendentes». A família que se extingue — diz *Le Journal* — é um

bras da Genesis. E ter um grande número de filhos era um título de glória. O Deuteronio declara, que aquele, que não tem filhos, não pode entrar na Assembleia do Senhor, porque chama sobre si a cólera divina. Na mitologia grega, os casamentos dos deuses são frequentes. «Não há maior alegria, disse Ulisses, do que a de dois esposos que governam a sua casa animados por um mesmo e único pensamento». Na nossa época de individualismo e egoísmo vêem-se as coisas de uma maneira diferente. No entanto Mussolini pôs o imposto aos solteiros e glorifica a família, premiando aqueles que têm numerosos filhos. Na Alemanha antes da guerra havia a mesma maneira de proceder. Hoje o povo está incrédulo perante o militarismo que o sacrificou.

De mulher para mulher

Admiradora — Não acho que faça bem tomando essa atitude. Com franqueza lhe digo que no procedimento dêle nada vejo de ofensivo para si. Não deve admitir, que as suas amigas lhe venham dar estas novidades. Creia que na intimidade do lar, quanto menos estranhos intervêm, melhor. Tenha amigas, visitas, mas não íntimas. O perigo é esse e não o que julga.

Sincera — Para *tailleur* azul escuro, deve fazer a blusa em rosa *pêche* é uma côr, que fica bem a toda a gente e que anima a *toilette*.

Julietta — Não tem que agradecer, estou sempre ao seu dispor, dê a lêr a suas filhas os livros de Júlio Diniz, são encantadores e de uma simplicidade que não as prejudicará. E deixe-me dizer-lhe que me maravilhou porque não é costume encontrar êsses exemplares nas mãos de agora, mas acho que procede muito bem.

Curiosa — Faz muito bem. É assim que deve proceder. Faça o vestido em *shantung* branco; e o chapéu em palha branca com uma volta em seda azul escura com pintas brancas. *Echarpe* igual.

Higiene e beleza

HÁ muitas senhoras que nesta época sofrem de uma irritação na pele a que se chama *acné rosado*. Em geral provém de qualquer afeição de intestinos. Deve ter-se uma dieta. Nada de peixe reimoso ou azul, mariscos, carnes vermelhas, lebres, enchidos, conservas, licores e café. Devem usar-se laxativos. Lava-se a cara com água, o mais quente possível, deitando-lhe um pouco de bórico. Em seguida molha-se um algodão em álcool canforado e passa-se nos sítios atacados. Em seguida põe-se a seguinte pomada: ictiol, 5 gramas; óxido de zinco, 4 gramas; vaselina, 10 gramas; lanolina, 10 gramas. Se esta pomada causar irritação usar a pomada simples de óxido de zinco. Este tratamento faz-se à noite. De manhã tira-se a pomada com um algodão molhado em álcool simples, lava-se a



culto que morre. Se procurarmos, nos antigos tempos da Índia, encontramos nos hinos de Rig-Veda o carácter sagrado e indissolúvel da união conjugal. Mais tarde nos códigos Bramínicos, encontramos traços precisos desta concepção da vida social. No princípio do século XIX, o celibatário é considerado na Índia como um homem inútil à sociedade. Na Pérsia o culto da família foi sempre imenso, nenhuma religião celebrou a santidade da união conjugal, de um modo, mais explícito do que a de Zoroastra. O celibatário é considerado um desertor porque não participa da luta contra a *Angra Maindu* o princípio do mal. É bastante semelhante o espírito do Antigo Testamento, no que diz respeito ao matrimónio, espírito que se funda nas pala-

cara com água morna e um sabonete medicinal e empôa-se com pó de talco. Só fazer a *maquillage* na ocasião de sair e podendo passar sem êsse uso, muito melhor ainda.

Chapeus

É imensa a variedade êste ano. Vêm-se chapéus enormes, de grande aba, e, vêm-se empoleirados no alto da cabeça, num arrojado equilíbrio sôbre a orelha direita chapelinhos minúsculos, que apenas cobrem uma pequena parte da cabeça. Mas entre os dois extremos há ainda graciosos toques, elegantes sem exagêro, para as senhoras, que gostam de se apresentar bem, mas com uma simplicidade, que atesta o seu gôsto discreto e de bom tom. Damos hoje o modelo de uma *toque* nêsse gênero, que é muito graciosa e que é dos tais chapéus que a tódas ficam bem. O modelo é em palha tagal, azul escuro, guarnecido a azul *bluet*. Mas em preto e branco, ou em castanho e bege, fica igualmente bem, e agora mais do que nunca há a atender a harmonia na côr do chapéu com o vestido com que será usado.

Para as meninas

CADA vez mais em moda os vestidos de malha, para as meninas. É muito gentil o modelo em malha Dubied que apresentamos hoje às nossas leitoras para as suas filhinhas. De utilidade no inverno êstes vestidos são também úteis no verão, de mais a mais, que de ano para ano o calor vai diminuindo e os vestidos de lã são sempre utilizáveis. Esta saia e *corselet* é completada com a linda *guimpe*, também em lã, branca e a que o ponto aberto e rendado dá um aspecto bonito e gracioso e de grande leveza. Êstes vestidos podem executar-se em *tricot* e, escolhendo um ponto fácil até as pequenitas o podem fazer, o que para elas é interessante e de grande utilidade, porque se vão assim habituando ao trabalho e a tomar o gôsto de fazerem elas mesmas, as suas *toilettes*. É na verdade um hábito precioso êste e a que as mãis devem costumar as suas filhas, fazendo com que se interessem pelos trabalhos de mão, tão próprios para meninas.



Um grande pintor

DAVID foi um dos grandes pintores da época do 1.º Império. Como era notável e justo, nessa época, foram os seus principais modelos, Napoleão Bonaparte e tódá a sua família. É célebre o quadro de David, a coroação de Napoleão imperador. Habitado a pintar as formosíssimas mulheres da família do grande côrso, David, foi sobretudo o pintor da mulher. Os seus pincéis faziam maravilhas, quando tinham diante de si, um lindo modelo, uma mulher de rosto deslumbrante e de corpo clássicamente belo. Assim uma das suas mais belas obras, é, sem dúvida o retrato de Madame de Richemont e seu filho, de que hoje damos às nossas leitoras uma reprodução. A beleza dessa senhora e de seu filho, que é uma criança de deslumbrante formosura, encontraram no grande pintor, quem as interpretasse magistralmente, dei-



xando à posteridade uma obra artística cujo conjunto merece a maior admiração.

Um coração

PROCURA-SE em Londres um coração. Mas não é um coração vulgar que se procura. É um coração de rei que se perdeu, porque a comissão municipal de Edimburgo, a quem tinha sido confiado não lhe prestou a devida atenção. Isto levanta a legítima irritação dos patriotas escoceses, que veneram Roberto Bruce como um herói nacional, mas têm ainda a esperança, que se possa encontrar o precioso depósito e dar-lhe finalmente o repouso definitivo, no país onde o herói que se tornou rei com o nome de Roberto primeiro, desejou fôsse o seu coração enterrado, na Palestina. Pouco depois da sua morte, tomou



o piedoso encargo Sir James Douglas, o qual porém no caminho não soube resistir à tentação de parar em Espanha a combater contra os mouros, e, tanto combateu que perdeu a vida. A relíquia andou perdida. Depois de muito procurada foi encontrada, trazida para a Escócia e depositada na Abadia de Melrose, onde ficou até há nove anos. Há nove anos uns operários que andavam a fazer umas obras encontraram um cofre, que era onde estava encerrado o coração de Roberto I. O cofre foi entregue ao secretário da Câmara Municipal de Edimburgo, o qual não deu grande atenção ao depósito. Deu-se pelo seu desaparecimento, no dia do aniversário da morte de Roberto Bruce, dia em que se devia entregar a relíquia ao missionário, doutor Christie, que ia fazer uma viagem à Palestina, para consagrar uma igreja escocesa. Ninguém conseguiu encontrar o famoso cõfresinho. Triste fim para um herói nacional, que libertou a Escócia do domínio inglês, vencendo Eduardo II na batalha de Bannockburu, e, que reinou na Escócia independente de 1306 a 1327. Isto vem provar-nos a inanidade das últimas vontades. Quem diria a Roberto Bruce, que seiscentos anos depois da sua morte ainda o seu coração andaria perdido pelo mundo, e, que o seu desejo ainda não tinha sido realizado, apesar da boa vontade dos seus compatriotas e súbditos, que tantos séculos passados ainda pensam em satisfazer os seus últimos pedidos.

Pensamentos

Nada de bom se pode esperar dos povos imitadores.

Há quem procure os que sempre riem, e, devemos fugir dêles. Esas arte exige um mérito muito superior.

Deus sabe bem o que faz.

LA FONTAINE.

A felicidade dá coragem.

O acaso destrói a felicidade.

GÖTHE.

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
I										
II										
III										
IV										
V										
VI										
VII										
VIII										
IX										
X										

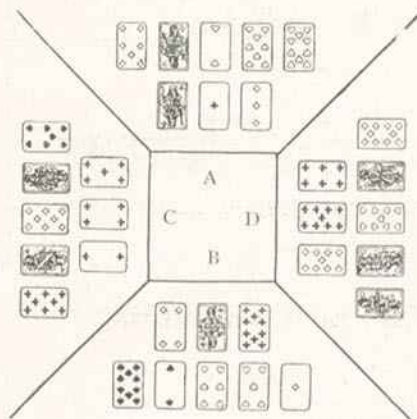
Horizontalmente:

I — Nome fem. — Sem acompanhamento. — II Canto em verso. III — Ar infectado. — Pela segunda vez. IV — Serve na guerra. — Deve, em inglês. V — Senta-se no banco da infância. — Ar-tigo definido. — O que faz o rato. VI — Tudo, em latim. VII — Diminutivo de nome masculino. — Jovem (fem.). VIII — Produto farmacêutico. Do verbo ser. IX — Pintor célebre (1577-1640). X — Eventualidade. — Do verbo ir.

Verticalmente:

1 — Lugar de teatro. 2 — Do verbo ir. 3 — Terra de Espanha, fronteira. 4 — Apelido — Três letras de Ariosto. 5 — Título nobiliárquico — Conjunção — Cólera. 6 — Nome feminino. — Abreviatura de título principesco — Sem roupas. 7 — Duas vogais — Hortaliça. 8 — Animal ple-beu. 9 — Prefixo que indica igualdade — Uma das palavras célebres de César. 10 — Ponto car-deal — Suco vegetal concreto.

BRIDGE



Sem trunfo. C joga o valete de ouros. B faz sete das oito vezes.

O VALOR QUÍMICO DO HOMEM

O químico inglês Charles Henry Maye tratou de apurar de modo exato de que é feito o homem e qual o seu valor químico.

Eis o resultado das suas averiguações:

A gordura de um homem, normalmente constituído, bastaria para se fabricarem sete sabonetes do tamanho comum. Encontra-se no organismo humano ferro bastante para fabricar um prego regular e açúcar bastante para adoçar uma xícara de café. O fósforo contido num homem daria para 2.200 fósforos. O magnésio



daria para se tirar uma fotografia. E ainda há potassa e enxofre, mas em quantidade inutilizável.

Essas matérias primas, calculadas aos preços actuais, representam um valor total de cerca de dez escudos...

ANEDOTAS

O optimista: — Agora, enquanto à mulher, geralmente falando...

O interruptor desagradavel: — Diz bem; a mulher está geralmente falando.

Num exame de química:
Examinador: — O que acontece ao ouro, se o expuzerem ao ar livre?
Examinando: — Acontece... que o roubam.

No Montepio Geral:
— Queira V. Ex.^a ter a bondade, antes de mais nada, de me trazer a certidão de óbito de seu marido.

A recente viúva: — Com todo o gosto.

A literata D. Júlia, apresentando um papel ao marido, pouco dado a literaturas:

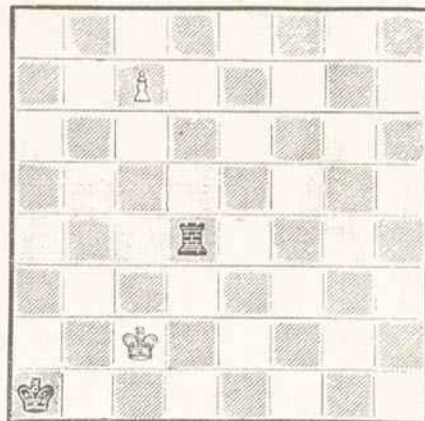
— Olha, Baltazar, aqui tens...
— O quê? Um conto?...
— Não, filho, não te assustes! Uma conta!...



A senhora: — Há qualquer coisa que me está fazendo parecer mais velha. Creio que deve ser toda esta canceira que tenho para parecer nova. — (Do «Punch»).

PROBLEMA DE XADREZ

(Solução)
PRETAS



BRANCAS

Nêste final de jogo, depois das Pretas terem jogado T 5 D, chega-se à posição apresentada no diagrama junto.

Conforme se disse no enunciado, se as Brancas agora jogarem P 8 B D (faz dama) as Pretas podem forçar um *paté* por T 5 B D (ch).

Mas, o que é extraordinário, as Brancas podem ganhar, se, jogando P 8 B D fizeram Tôrre em vez de Dama.

Posto que as Pretas tenham agora Tôrre contra Tôrre, as Brancas podem conseguir ganhar da seguinte forma:

1. P 8 B D faz T
- T 5 T D
2. R 3 C D

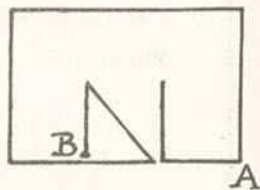
As Pretas tem, agora, de ceder a sua Tôrre, ou no movimento imediato segue *mate* por T 1 B D.

TRANSFORMAÇÃO DE LETRAS

(Solução)

A solução consiste, como se pode ver pela gravura, em fechar a letra numa cercadura dando assim uma ilusão tão completa que se perde de vista o primitivo L e apenas se vê o emoldurado N.

A começar na extremidade inferior do L — no ponto marcado A — e continuando até se chegar a B, pode traçar-se o risco todo numa só linha contínua, sem se levantar o lápis do papel.



JUSTIÇA CHINEZA

Um diplomata francês, que há pouco regressou da China, contou a um jornalista o caso que se segue.

Uma criada que servia em Yelim Kiang, em casa de um chinês, foi tratada com brutalidade e, num acesso de desespero, suicidou-se. A patroa, citada a comparecer no tribunal da cidade, não pode negar os maus tratos que tinham martirizado a desgraçada rapariga e foi condenada a apanhar oitenta chibatadas. O marido recebeu cinquenta por não ter sabido acalmar o mau humor da esposa e todos os outros membros da família apanharam vinte e cinco pela sua parte de responsabilidade.

E parece que, de então para cá, a cidade de Yelim Kiang é o paraíso das criadas;

ACABA DE SAIR

A batalha sem fim

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 vol. de 308 págs., brochado 12\$00
 Encadernado 16\$00

Pedidos á LIVRARIA BERTRAND**73, Rua Garrett, 75 — LISBOA****NOVA EDIÇÃO**

Touros de morte

POR **BLASCO IBAÑEZ***Um dos mais interessantes livros deste autor*

1 volume de 384 pags., brochado . . . 10\$00
 encadernado . 14\$00

PEDIDOS Á

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

A' venda a 9.ª edição

DE

Doida de Amor

NOVELApor **ANTERO DE FIGUEIREDO**

«Conhece-se através deste livro o psicólogo subtil, penetrante, escrupuloso, exacto, capaz de percorrer quilómetros sobre uma folha de rosa, de explicar em vinte volumes de análise a sombra furtiva de um capricho de mulher».

— **Julio Dantas.**

1 vol. de 276 pags., brochado
10\$00

Encadernado **14\$00**Pedidos à **Livraria Bertrand**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortográfico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficialEM APÊNDICE: *O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.*1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, **15\$00**

PEDIDOS Á

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

OBRAS DE JÚLIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SECULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que eu lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que eu lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00 8\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00 8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00 10\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	9\$00 6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
ou à LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A' venda a 3.ª edição

DE ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES

POR

AQUILINO RIBEIRO

«Os descritivos do romance, que muitos são, insinuando-se-nos alguns na retina como paisagens de mestre, encontram parceiros condignos nos diálogos que o salpicam e em que é flagrante a naturalidade.» — *César de Frias.*

1 vol. de 356 páginas { brochado . . . 12\$00
encadernado . 16\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos á

LIVRARIA BERTRAND

73 Rua Garrett, 75 — LISBOA

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1368

BERTRAND
IRMÃOS, L. DA

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 — LISBOA

As Minhas Aventuras pela Europa

POR

Charlie Chaplin (CHARLOT)

INTERESSANTÍSSO LIVRO DO POPULAR
A Z DO CINEMA

1 volume de 250 páginas brochado **10\$00**

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garreft, 75 - LISBOA

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura,
ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros
por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

S.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 360 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

DICIONÁRIO

DO

Football Associação

ILUSTRADO COM 37 GRAVURAS

Com a apresentação do **Dr. Salazar Carreira**



Contendo termos técnicos ingleses
e seus equivalentes em português.
Regras do jogo e casos de deslo-
cação

**Livro indispensável a todos os amadores
de football**

1 vol. enc. com capa a ouro com
cerca de 100 págs. 7\$00

PEDIDOS À

S. E. PORTUGAL-BRASIL
- Rua da Condessa, 80, 1.^o - Lisboa -

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas | brochado 10\$00
| encadernado 14\$00

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

A' VENDA EM TODAS
AS BOAS LIVRARIAS

A 2.^a EDIÇÃO

DO

TOLEDO

IMPRESSÕES
E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 Volume de 226 páginas
brochado Esc. 10\$00
encadernado » 14\$00



PEDIDOS AOS EDITORES

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

Como obter ideias lucidas e clareza de espírito

POR

G. VOGT

Manual completo para se vencer a preguiça
da inteligência, a falta de energia, a fraqueza
de espírito, a falta de memória, etc., etc., segundo
os experimentados doutores *Haig, Cantani e Lévi*

1 VOLUME DE 154 PÁGINAS, BROCHADO, **7\$00**

PEDIDOS À

Livraria BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 - LISBOA

Manuel de Sousa Pinto

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

CARICATURISTAS



DESENHOS ESCOLHIDOS
POR
**MANUEL GUSTAVO
BORDALLO PINHEIRO**

1 vol. fol. Edição de luxo,
com 90 grandes ilustrações
de Bordallo Pinheiro, repro-
duzidas pela photogravura,
além d'outras inseridas no
texto. Impressão a preto e
côres sobre papel couché.

Cart. 40\$00; br. 30\$00

PEDIDOS A
S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80—LISBOA

CONTRA O SUOR DAS MÃOS

Esfregar as mãos,
três vezes por dia,
com a seguinte
composição :

- Borax..... 15 gr.
- Acido sali-
cílico..... 15 »
- Acido bó-
rico..... 5 »
- Glicerina... 60 »
- Alcool di-
luido..... 60 »

Devemos lembrar
que a supressão
muito brusca desta
secreção, pode ter
inconvenientes para
a saúde.

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand, Ltd.^a

Editor: Francisco Amaro

Composto e impresso na tipografia da Sociedade Gráfica Edi-
torial, Rua da Alegria, 30—Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular.	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	30\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colonias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração—Rua Anchieta, 31, 1.º—Lisboa

Visado pela Comissão de Censura

Saiu a nova edição

CARTAS

de

Alexandre Herculano

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 28\$00

PEDIDOS A
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75—LISBOA

DOCES E COZINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

Um volume encadernado com
351 páginas

Esc. 25\$00



Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, R. Garrett, 75—LISBOA

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Por **CÂNDIDO DE FIGUEIREDO**

Da Academia das Ciências de Lisboa, da Academia Brasileira, da Real
Academia Espanhola, da Sociedade Asiática de Paris, da Academia
de Jurisprudência de Madrid, do Instituto de Coimbra, etc.

QUARTA EDIÇÃO

Muito corrigida e copiosamente aumentada.
O Novo Dicionário é o mais actualizado, autorizado e com-
pleto Dicionário da Língua Portuguesa

A aparição do NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA POR-
TUGUESA, em 1900, foi calorosamente saudada pela im-
prensa periódica de Portugal e do Brasil.

Em sessão da Academia das Ciências fêz o elogio da obra
o falecido académico Gonçalves Viana, grande autoridade
portuguesa em assuntos de linguística; e a principal corpa-
ração literária e científica da vizinha nação, a Real Academia
Espanhola, que raros estrangeiros recebe no seu grémio,
elegem seu sócio o autor do NOVO DICIONÁRIO DA LIN-
GUA PORTUGUESA, aprovada a proposta, feita nesse sen-
tido, pelo famoso escritor e diplomata Juan Valera, pelo
filólogo e senador Daniel de Cortejar e pelo sábio Mir.

Podemos afirmar que o autor, à custa de longas e inal-
culáveis fadigas, conseguiu reunir, em tôdas as esferas da
actividade e do saber humano, cerca de 130.000 vocábulos
portugueses que ainda não estão registrados nos menos incom-
pletos e menos imperfeitos dicionários da língua pátria.

Um dicionarista conhecido, cuja obra abrange realmente
numerozo vocabulário, ufana-se de que o seu dicionário
abranja 66.000 vocábulos. Acrescente-se a esta cifra mais 53.613
e entrever-se-á que os vocábulos reunidos pelo sr. Dr. Cândido
de Figueiredo no NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA POR-
TUGUESA, abrange nesta nova edição um número que atinge
119.613 vocábulos ou artigos.

2 grossos vol. sólidamente enc. em carneira 250\$00
PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80—LISBOA

BOLACHIAS

A GRANDE
M A R C A
PORTUGUESA



Variadas e
saborosissimas
qualidades

UM UNICO FABRICO
O MELHOR

NACIONAL

Proteja a saude de sua familia instalando
em sua casa um

GENERAL ELECTRIC Refrigerator



*A marca GENERAL
ELECTRIC é a me-
lhor garantia de boa
qualidade d'um apa-
— relho electrico —*

Os alimentos sempre em perfeito
estado de conservação

Gelo, sorvetes, saladas de fruta, etc.

O armario frígorífico simplificado

Uma simples fomada de corrente
basta

O Refrigerator automaticamente
fará o resto

Concessionario geral para Portugal e Colonias

Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.da

Praça Luiz de Camões, 36, 2.º, D1.º — LISBOA — Telef. 2 5 3 4 7

Visitem a nossa Exposição na

Antiga casa JOSE' ALEXANDRE — Rua Garrett, 8 a 18